Digitized by the Internet Archive
in 2018 with funding from
Princeton Theological Seminary Library

https://archive.org/details/revistainternac3111unse_1

Ano XXXI – Brasil – E. S. Paulo – Matão, 15 de Dezembro de 1955 – N. 1

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

FUNDADOR :
CAIRBAR SCHUTEL
(De 1925 a 1938)

SUMÁRIO

O Natalício de Jesus . . . . . *Redação*
Refutando Ramatís . . . . . *Henrique Rodrigues*
Religião e Ciência . . . . . *Alberto Lopes*
Livros e Autores . . . . . *Leopoldo Machado*
Como os teólogos refutam... (A Índia Misteriosa) . . . . . *Mario Cavalcanti de Melo*
Restrições ao Livre Arbítrio . . . *Deolindo Amorim*
Memórias de um Espírita Baiano . *Leopoldo Machado*
Por quê Doutor ? . . . . . *Tte. Cel. Levino C. Wischral*
Crônica Estrangeira . . . . . *Redação*
Espiritismo no Brasil . . . . . *Redação*
Necrologia . . . . . *Redação*

Interpretação Sintética do Apocalípse

Avisamos aos interessados, que já saiu do prélo e está à venda, a 7.ª edição da obra do nosso querido companheiro Cairbar Schutel — «INTERPRETAÇÃO SINTÉTICA DO APOCALIPSE». Trata-se de um trabalho realmente substancioso, claro, sucinto, oportuno, de facil compreensão e de atualidade.

E' um dos trabalhos mais perfeitos no assunto de que trata, podendo-se afirmar que se S. João recebeu do Espírito de Jesus as revelações apocalípticas, — Cairbar Schutel recebeu a sua interpretação de um Espírito também superior. E' um livro do momento, porque as profecias apocalípticas estão em pleno desenvolvimento, possivelmente no meio do caminho.

— A' venda na Livraria «O Clarim».

Preço: cr.$ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

O DIABO E A IGREJA
Em face do Cristianismo

Acaba de sair do prélo a 5.ª edição de «O Diabo e a Igreja em face do Cristianismo», da autoria do nosso querido companheiro Cairbar Schutel, que responde, ao pé da letra, ao livro do Revmo. Padre Bento Rodrigues e aos artigos de monsenhor Seckler contra o Espiritismo.

E' um livro de esclarecimento, que desperta em todos, a idéia, o raciocínio e o sentimento da Imortalidade, mostrando, com clareza e argumentos irretorquíveis, o sentido espiritual verdadeiro do Cristianismo, que vem sendo deturpado ou mal entendido pelas religiões mundanas. Da sua leitura há muito que aprender no campo da Verdade.

A' venda na Livraria «O Clarim». Preço: Cr. $ 10,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro.

O Espírito do Cristianismo

Eis aqui um grande livro que os estudiosos do Evangelho e da Doutrina Espírita não devem deixar de ler, afim de ficarem a par dos magnos problemas da vida do espírito' pois, ao mesmo tempo que o seu autor, o nosso caro companheiro Cairbar Schutel, esmiuça diversas passagens evangélicas, apresenta testemunhos da Imortalidade da alma nos feitos e ensinos de Jesus.

«O Espírito do Cristianismo» é complemento de «Parábolas e Ensinos de Jesus», livro êste que vem iluminando as criaturas que desejam efetivamente estar com Deus em espírito. O estudo da obra em questão, constitúe o verdadeiro alimento do espírito. E' encontrar luz e confôrto nas atribulações da vida e construir uma escada em demanda do reino de Deus.

— A' venda na Livraria «O CLARIM».

Preço : Cr.$ 50,00, e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

ANO XXXI — E. S. Paulo — Matão, 15 de Dezembro de 1955 — NUM. 11

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANIMICOS E ESPÍRITAS

A Redação não se responsabilisa pelos conceitos de seus colaboradores e reserva-se o direito de rejeitar artigos ou notícias que firam pessoas ou instituições.

FUNDADOR : *Cairbar Schutel*

DIRETOR : *José da Costa Filho* — REDATOR : *A. Watson Campêlo*

GERENTE : *Antonia Perche da Silveira Campêlo*

Redação: Av. 28 de Agosto, n. 301 Oficinas: Rua Rui Barbosa, n. 673

O Natalício de Jesus

SEM a menor dúvida, não existe na História da Humanidade data maior do que aquela que registra o nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo. Com o nascimento de Jesus, novos caminhos foram rasgados à humanidade, na sua evolução rumo aos seus gloriosos destinos.

Quer isto dizer que a humanidade já estava mais ou menos em condições de receber novas cousas de Deus. A' pena de Talião sucedeu a lei do amor com o princípio de fazermos aos nossos semelhantes tudo aquilo que desejamos nos façam e não fazer aos outros o que não queremos para nós. Por isso disse o Apóstolo dos gentios : «o amor é cumprimento da lei», o que quer dizer que fora do amor estamos infringindo a lei de Deus.

Para que essa lei fôsse compreendida e bem assimilada por nós, Jesus sugeriu as mais belas parábolas de que temos conhecimento, ensinou e exemplificou das mais variadas formas a lei do amor fraterno. Na Parábola do Bom Samaritano, por exemplo, estão resumidos os nossos deveres de fraternidade, de solidariedade nos momentos de aflição e de dôr. Dó cumprimento dêsses deveres depende a nossa felicidade no mundo vindouro, tanto mais que a nossa passagem nêste mundo é rápida, apenas de anos que não vão além da casa dos cem geralmente, ao passo que o mundo vindouro pode atravessar séculos e pode se perpetuar, se estivermos em condições superiores, isto é, portadores da moral ensinada por Jesus e que se acha consubstanciada nos seus preceitos de amor fraterno.

Jesus, além de nos fazer conhecedores dos nossos deveres de amor fraterno, nos deu a esperança e a fé, que é o sustentáculo da nossa vida. Esperança em dias melhores e fé nos nossos destinos, num futuro promissor, que é a recompensa de Deus a todos aqueles que obedecerem a sua lei, que tem por fundamento o amor. E Jesus fortificou a Fé e a Esperança com os testemunhos da imortalidade da alma, afim de encontrarmos fôrças para suportar as provanças e os sofrimentos com humildade, resignação e estoicismo, certos de que só assim encontraremos a verdadeira felicidade que os espíritos retardatários e materialistas pensam encontrar nas cousas mundanas, desincarnando sem encontrá-la nêste e no mundo vindouro, visto que a felicidade é fruto do amor, e o amor é o resumo de todas as virtudes. Por isso disse Jesus : «o reino dos céus está dentro de vós mesmos». E o reino dos céus é um estado sumamente feliz da alma que só pratica o Bem, fazendo aos outros aquilo que deseja para si.

E assim como o Cristianismo veiu na hora exáta, o Espiritismo também

veiu na hora exáta, isto é, na hora em que a humanidade está em condições de receber novas revelações, de acôrdo com a promessa de Jesus, que afirmou que enviaria o Paracleto para ensinar cousas novas e fazer lembrar tudo aquilo que Êle ensinou — o seu Evangelho. E o Paracleto, que é o Espiritismo, está cumprindo realmente a sua tarefa de espiritualizar e evangelizar a humanidade de acôrdo com o Evangelho de Jesus.

A humanidade festeja o natalício de Jesus com grande devoção e carinho, dando assim uma prova de que Jesus é a bússola da vida, mas infelizmente ainda não compreendeu e nem sentiu o sentido profundo dos ensinos de Jesus, de vez que continua presa às cousas do mundo, cultivando, como no tempo de Jesus, as baixas paixões, o egoísmo, o orgulho e os vícios que aviltam o caráter. Entretanto, dois mil anos estão quasi a se esgotarem da vinda de Jesus ao mundo, tempo bastante longo para o cultivo da sua santa Doutrina, pelo menos em parte. Isto não aconteceu, mas agora, com o advento do Paracleto, o Espiritismo, os ensinos de Jesus estão sendo compreendidos e praticados pelas criaturas que já se libertaram das peias das religiões que vêem se afirmando cristãs, mas que no fundo não passam de religiões terrenas, materialistas em face dos seus dogmas e cultos externos.

Que o Natal de Jesus possa ser realmente compreendido no seu sentido espiritual, vivificante, afim de que a humanidade seja um só rebanho com um só pastor — Jesus Cristo, que é o Caminho, a Verdade e a Vida.

Refutando Ramatís

Nosso último artigo terminou com a promessa de que o próximo, ou seja, o dêste mês, seria sôbre Pedro Leopoldo, onde se acha o «Centro Luiz Gonzaga». Mas, o «Caso Ramatís» obriga-nos a um adiamento motivado por acontecimentos surgidos entre o nosso trabalho «O parecer de Emmanuel» e êste. Recebemos correspondência de confrades com algumas indagações a que responderemos primeiramente, juntamente com outras cartas e publicações enviadas por pessoas estreitamente ligadas à obra de Ramatís.

Alguns confrades ficaram impressionados com as anotações constantes da relação de «FATOS RECENTES QUE ATESTAM AS AFIRMAÇÕES DE RAMATÍS». A êsses, como aos outros que acreditavam estar Emmanuel de acôrdo com a mensagem «Conexão de Profecias», respondo agora que: Abalos sísmicos, tufões, inundações, degêlo dos polos, epidemias exóticas, etc., são tão velhos como o mundo e a história os relaciona, muito antes das mensagens de Ramatís. Vejamos essa história:

Em 1755 houve o célebre terremoto de Lisbôa, e a zona litorânea foi invadida por uma vaga marítima que tirou a vida de aproximadamente 40.000 pessoas. Em 1783 foi a Calábria vitimada por semelhante tragédia, seguindo-se o de Quito, em 1797; o de La Pointre-a-Pitre em 1843, os de S. Francisco e Valparaíso em 1906, o de Messina em 1908 e, finalmente, o da Guatemala em 1917. Não cito outros mais recentes, porque poderiam ser classificados como precursores das profecias de Ramatís. Ainda relacionados no quadro dos movimentos geo-físicos, lembraria duas grandes erupções vulcânicas, as maiores em potencialidade, quais sejam, a do vulcão Perbuatan, na ilha de Krakatoa, do arquipélago de Sonda, tão violenta que provocou ondas de 30 metros de altura, quando 40 povoações da costa oeste de Java foram tragadas, ocasionando mais de 20.000 mortes, isto em 1883. Houve também a da Montanha Pelada, na Martinica, que em poucos instantes sepultou a cidade de S. Pedro com os seus 35.000 habitantes. Como vêem, Ramatís está muito longe de ser o dono dêsses fenômenos, e jamais êles tiveram a significação que êsse espírito lhes pretende dar. Êles «aconteciam» antes, «acontecem» durante e «acontecerão» depois de Ramatís.

Tufões — Parece até brincadeira relacioná-los como atestado de novos tem-

pos. Semelhantemente a outras tormentas, não ficaram arquivados, tão numerosos êles são. Lembrarei, apenas, aquêle que ficou célebre por desmantelar a esquadra espanhola quando «A Invencível» procurava «arribar» nas praias inglesas. Na mesma condição estão as inundações e o degêlo dos polos, periòdicamente existentes e até estudados pela ciência meteorológica.

Tragédias, explosões, guerras, epidemias sempre as tivemos e com abundância muito maior. Suficiente será dizer que o mundo, desde a época de Constantino, já presenciou 325 guerras e, no fim, como diz o «filósofo», «entre mortos e feridos salvaram-se todos»; sim, porque a ressurreição dos mortos é um fato que se consubstancia nesta mesma terra, onde, por muita coisa, ainda terão de responder.

Mas, continuemos com o quadro dos horrores. «Na manhã de 6 de dezembro de 1917, no pôrto marítimo de Halifax, a bordo do navio de munições «Mont Blanc», 4.000.000 de quilos de T. N. T. explodiram. O navio desapareceu por encanto, e, apenas um pedaço de sua âncora, pesando 500 quilos, caíu a uma distância de 8 quilómetros. Uma grande pedra subiu do fundo do mar, rodopiou nos ares e matou cêrca de 800 estivadores que se achavam no cais».

Felizmente, não havia profecias da «Chegada dos Tempos», mas que para as vítimas o tempo chegou... lá isso chegou! Está claro portanto que os «FATOS RECENTES QUE ATESTAM AS AFIRMAÇÕES DE RAMATÍS» não «atestam» coisa nenhuma, porque teremos de buscar o atestado dos «remotos» fatos, para saber a que «afirmações» êles estavam relacionados. Muita gente crê em minha animosidade para com Ramatís, mas, quem o refuta não sou eu, *são os fatos*, são as leis contra as quais êle se colocou. Nada mais tenho feito, além de apresentar essas leis e êsses fatos.

Quanta gente na expectativa da «chegada dos tempos»! Que surprêsa não terá ao verificar que «o tempo chegou há muito tempo» e que de tanto esperar pelos homens, cansou se *e foi-se embora!*

Respeitando embora a opinião alheia, tenho *para mim* não serem tanto as profecias a construírem os fatos, o que tolheria o livre arbítrio. Prefiro crer que, na maioria esmagadora, as profecias «acomodam-se» aos fatos, para justificar muita fantasia do passado. A linguagem do profetismo é, *em geral*, dúbia, vaga, simbólica, maleável, reticenciosa e furta-côr. Recentemente, um «adivinho», em S. Paulo, «palpitou» o nome do futuro presidente da república nas recentes eleições pela simples *leitura* das mãos. Como qualquer «palpiteiro», jogou no escuro e errou, o que nada significa. Vá alguém dizer isso a êle. A reação não se fará esperar e o indigitado cidadão encontrará mil e uma «interpretações» de suas primitivas palavras para dizer que acertou. Se não puder torcer o sentido das palavras, jogará a culpa na imprensa, como deturpadora de suas expressões.

E' compreensível a leitura do passado, porque o passado *fica no arquívo.* Enquanto não tivermos prova em contrário, achamos que uma criatura *espiritualizada* deve rechaçar qualquer processo divinatório. Ouvimos a palestra proferida por *uma* «yogui» em Belo Horizonte. Reportando-se à educação da criança, aconselhava a orientação horoscópica, pois, no dizer dela, os astros influem sôbre as criaturas, e o conhecimento das «tendências» da influenciação astrológica poderia ser útil, quando conjugado ao exame das «tendências kármicas» do Sêr recém-chegado.

Não pôde, entretanto, contestar satisfatòriamente minha indagação sôbre a *autoridade* do conhecimento astrológico, capaz de responder pela exatidão de um oráculo. Quem se arroga essa capacidade?

O teste é fácil. Para experimentar o valor do profetismo, escrevam a *dois* profetas, astrólogos, quiromantes, cartomantes, etc... *Honestamente* mandem todos os dados, absolutamente iguais. Façam o mesmo com uma pequena amostra de sangue (próprio de preferência) e, com o mesmo procedimento, enviem êsse material para *dois* laboratórios diferentes. Verificarão que em qualquer processo divinatório, em que pese a pretensão de se passarem por científicos, o resultado profético apresentará a mais absoluta disparidade, enquanto que os verdadeiros exames de ciência serão absolutamente iguais em resultado. O que mais choca nessa modalidade de enganar os tolos é o palavreado tendente a despertar a vaidade ou o temor humano, para conseguir a abdicação da repulsa ante as formosas mentiras.

Lamento profundamente, se contra-

río velhas superstições. Testem os farsantes e verificarão como se recusam a retirar a máscara. Identificarão o levantamento da legião de fanáticos e ignorantes, sempre pronta a carregar o andor do miraculoso oráculo, ou de servir de capacho onde pisa a mais vetusta e maldosa presunção, verão essa massa, inculta e que portanto não pode opinar, célere em entoar a ladaínha, num amén generalizado, cômodo, porque irresponsável. Como é infeliz o Sêr que navega em águas alheias e entrega o leme de sua vida à orientação miraculosa dos horoscópos, quando não a própria saúde física a miraculosas tisanas.

Creio que a descoberta das relações psíco-físicas caracterizou muito mais a chegada dos *novos tempos*, pela responsabilidade de suas decorrências, do que qualquer outro fenômeno de natureza exterior, pois que êste apenas proporciona divertimento barato, ou caro, como no caso das tormentas, aos habitantes da Terra. Há mais mérito no *milagre* da vida, que no *castigo* da morte.

Recebemos também, algumas publicações de Ramatís. Conheciamos sómente «Conexão de Profecias» e «O Sol», que, para nós, conforme demonstramos, não passa de um amontoado de absurdos. Recebendo portanto «A vida no planeta Marte», achamos a leitura bonita, mas, que, se não pode ser refutada pela ciência, em compensação não pode ser tida como real. Faltam provas de ambos os lados. Se considerarmos Marte um mundo de vida superior, é fácil darmos rédeas à nossa mente, transferindo para aquêle mundo tudo aquilo que os nossos ansêios vislumbram em uma coletividade melhor. A ductibilidade da mente permite construções maravilhosas e, acredito, dificilmente Ramatís levaria a palma da vitória em competição literária de tal natureza, com os sonhadores que povoam êste nosso mundo. E' pois uma literatura do tipo «acredite se quiser e explique se puder».

Chegamos, finalmente, aos dois trabalhos «Magia da Redenção» e «Mediunismo». Confesso que foi surprêsa para mim tais produções. Ramatís passa do absurdo, da fantasia, para algo positivo, sério, realmente científico, valioso mesmo. A exatidão de «Magia da Redenção» é tal que se torna até perigosa, com vistas aos tipos mal intencionados. O fenômeno da magia, ou do «feitiço» é algo muito sério, que os antigos reservavam para ensinamentos que exigiam a condição de «iniciados».

O ponto mais alto é indiscutivelmente o trabalho «Mediunismo». Sínteses maravilhosas. Ciência e filosofia comprovadas. Pode sem favor ser incluido como suplemento da recente obra de André Luiz, «Nos domínios da Mediunidade».

Está cumprido o nosso dever. Todos erram e acertam, nessa jornada evolutiva em demanda dos altíssimos planos da perfeição do Pai.

HENRIQUE RODRIGUES.

Rua Quimberlita, 490 — Belo Horizonte — Estado de Minas

Religião e Ciência

AS CURAS PELO ESPIRITISMO

— VII —

Quando, porém, pela ação do tempo, essa ciência estiver espiritualizada, abrirá para a Humanidade um ciclo de grande aperfeiçoamento e no seu curso hão de ser resolvidos todos os problemas que ainda permanecem nos domínios da metafísica.

Com essas considerações, as curas realizadas pelo Espiritismo, mediante o emprego do processo terapêutico dos fluídos magnéticos irradiados pelos médiuns e o fluído magnético espiritual irradiado pelos espíritos de certa elevação, se justificam com as fôrças positivas que se conjugam para êsse fim.

Indubitavelmente, a fé impulsiona-

da pelo raciocínio, cria a fôrça positiva para essas curas, como assim demonstrou Jesus nas que teve ocasião de realizar, esclarecendo as pessoas curadas com esta frase: «a tua fé te curou».

E Allan Kardec, na «Gênese», comenta: «A razão é bem simples. O fluído, sendo dado como matéria terapêutica, deve atingir a desordem orgânica para repará-la; pode ser dirigido sôbre o mal pela vontade do curador, ou tirado pelo desejo ardente, pela confiança, em uma palavra, pela fé do doente. A cura se opéra substituindo-se uma molécula enfêrma por uma molécula sã. A fôrça curadora está pois na razão da pureza da substância inoculada; ela depende ainda da energia da vontade que provoca uma emissão fluídica mais abundante e dá maior fôrça de penetração; enfim, as intenções que animam aquêle que deseja curar, quer seja homem ou espírito. Os fluídos que emanam de uma fonte impura são como substâncias medicinais alteradas. Os efeitos da ação fluídica sôbre os doentes são extremamente variados, segundo as circunstâncias; esta ação é algumas vezes lenta e reclama um tratamento seguido, como no magnetismo ordinário; outras vezes, é rápida como a corrente elétrica».

Pelo exposto, concluimos: que a verdadeira fé, não pode ter caráter místico; ao contrário, deve se transformar numa fôrça atrativa, não só por parte dos médiuns curadores, senão também por parte dos doentes.

Nas sessões práticas do Espiritismo, de qualquer natureza, é indispensável que se satisfaçam as exigências estabelecidas nos livros fundamentais do seu codificador.

Ainda em nosso tempo, consideramos bem dificil conseguirem-se meios idôneos para a realização dessas sessões.

As experiências já demonstraram que em tais sessões, as condições morais dos meios ambientes, representam os principais fatores de seus sucessos em pról da obtenção de provas que identifiquem as comunicações verdadeiramente espíritas.

Nos ambientes inedôneos o domínio do espírito das trevas consegue preponderar com sua nefasta influência, para criar fanatismos e danos morais, de lamentáveis consequências para os seus componentes e os créditos da Doutrina.

Diante desta realidade, sobejamente conhecida, admitimos que nas sessões práticas, de qualquer ordem, as comunicações de espíritos necessitam ser comprovadas com os fatos positivos de curas, nos casos de tratamento de obsidiados, ou de doentes de outras enfermidades, ou com a identidade absoluta dos espíritos que se comunicam. Reconhecemos, contudo, que semelhante objetivo ainda é bem dificil de ser atingido na atual situação moral dos meios humanos, excetuando-se aqueles, um tanto raros, predestinados pela Sabedoria Divina, à concretização das provas de sua intervenção no progresso espiritual da Humanidade.

Vejamos o que nos ensina o codificador da Doutrina sôbre sessões práticas. No «Livro dos Médiuns», em o n.° 327: «As manifestações físicas têem a sua utilidade; vão ás sessões experimentais os que querem ver; vão ás sessões de estudo os que querem compreender. E' dêsse modo que uns e outros lograrão completar sua instrução espírita, tal qual fazem os que estudam medicina, os quais, uns vão aos cursos e outros às clínicas». Em o n.° 332 do mesmo livro encontramos: «Sendo o recolhimento e a comunhão dos pensamentos as condições essenciais a toda reunião, fácil é de compreender-se que o número excessivo de assistentes, constitui uma das causas mais contrárias à homogeneidade. Não há, é, certo, nenhum limite absoluto para êsse número e bem se concebe que cem pessôas suficientemente concentratradas e atentas, estarão em melhores condições de que estariam dez, se distraídas e bulhentas. Mas, também, é evidente, que, quanto maior fôr o número, tanto mais dificil será o preenchimento dessas condições. Aliás, é fato provado pela experiência que os círculos íntimos, de poucas pessôas, são sempre mais favoráveis ás belas comunicações, pelos motivos que vimos de expôr».

Para as sessões destinadas ao tratamento de obsidiados, Allan Kardec, estabelece, perentòriamente, o número de assistentes a 12, no máximo.

O estudo e a observação dos fenômenos da mediunidade apresentaram, através de trabalhos experimentais realizados por pesquisadores notáveis e publicados em obras complementares às da codificação, o conhecimento de ne-

vróses caracterizadas em certos médiuns, que muito influiram para produzir mistificações inconscientes nas sessões práticas. O estado anímico a que podem ficar sujeitos êsses médiuns sob a influência de sua própria fôrça magnética, quando dominados pelo fanatismo de uma fé cega, produzem manifestações que se circunscrevem, exclusivamente, à capacidade de seus próprios espíritos. Essas inconveniências, porém, que ocorrem mesmo entre pessoas bem intencionadas, não justificam o abandono das sessões práticas, tanto de efeitos físicos, como de qualquer outra natureza, desde que nelas se observem os contrôles e os exames recomendados pela experiência.

Sabemos que, apesar das dificuldades que se apresentam no transcedente trabalho de intercâmbio entre o nosso mundo com o dos espíritos, resultantes das fraudes e dos embustes cometidos pelo falso espiritismo, que por aí existe, os fatos verdadeiramente espíritas têm surgido e continuam a surgir, em grande numero, em nosso tempo, para estímulo dos que lutam e trabalham pelo progresso da Doutrina Espírita sob a égide tutelar da moral evangélica.

Em face do que expomos, ao que parece, as sessões práticas destinadas às comunicações com espíritos desencarnados, devem ser precedidas de estudos e comentários sôbre as instruções contidas no «Livro dos Médiuns» e de outras obras que elucidem o estado dos médiuns desenvolvidos ou em desenvolvimento, sendo que as comunicações recebidas, precisam ser registradas em livro ou anotadas em tais sessões, afim de que as indagações posteriores possam confirmalas com a identificação perfeita dos espíritos que se comunicaram. E' um tanto trabalhoso e mesmo rigoroso êsse método, mas é o unico, a nosso vêr, que, uma vez generalisado, estará em condições de confirmar as comunicações e evitar o péssimo efeito que as mistificações produzem nos assistentes das sessões e os lamentáveis embaraços que proporcionam ao progresso de nossa Doutrina.

Convém compreender que já atingimos a um marco de evolução doutrinária, que nos indica a realisação de radicais modificações nos nossos métodos de trabalho, nas sessões práticas. Essas sessões, como sabemos, representam os fundamentos da religião e da ciência espírita. E' necessário, portanto, que os ambientes, onde se realisem, proporcionem luz e não trevas. Êsse objetivo é o que nos cumpre atingir, sejam quais forem os obstáculos que tivermos de enfrentar. Os créditos da nossa Doutrina nos impõem êsse dever como indeclinável imperativo de nossa ação doutrinária.

ALBERTO LOPES

(Conclusão do Cap. VII)

LIVROS e AUTORES — *LEOPOLDO MACHADO*

A EVOLUÇÃO — *Carlos Imbassahy* — Editora, Livraria da F. E. Paraná

Temos, para ler e opinar, 62 volumes. E o que é mais interessante: livros, todos, substanciosos, de leitura útil e atualissima.

Mas... uma saude sempre periclitante, e outros afazeares, e outras preocupações, têm-nos levado a procastinar essas leituras.

A EVOLUÇÃO, entretanto, de Carlos Imbassahy, chegara por último. E preteriu os outros volumes. Porque? Exatamente por ser um livro de Carlos Imbassahy. E o que mais é: um livro primoroso na impressão, na encadernação, na apresentação gráfica.

Ademais, tivemos duas cartas do autor. Uma, oferecendo-nos o volume com honrosa dedicatória que conclue... «o diléto companheiro e velho amigo de todos os tempos». Aliás, o n.° 6 dos 50 exemplares numerados e rubricados pelo autor.

Vale a pena glosar suas cartas, antes de tudo, dentro daquele conceito de Clovis Ramos, sôbre cartas de confrades. Cartas, aliás, a lápis, numa prova, talvez, de que em *casa de ferreiro*... das letras, falta tinta, falta caneta-tinteiro.

Vingamo-nos, entretanto, escrevendo-lhe, a máquina, e mandando-lhe um livreco ao querido e velho companheiro, que protestou: «V. não tinha um papel menos sujo e menos amarrotado para

embrulhar o tal livreco?» Um livreco, pelo hábito e prazer de enviar livros, a poucos amigos e a confrades de confiança e amizade, sempre que lhes escrevemos...

Mas, vamos ás cartas.

Escreve-nos na primeira: «Farto de receber livros ordinários, resolvi tirar uma fórra e cá segue um, meu, ordinarissimo. Só há uma diferença: é que você não precisa pagar nada. E ainda *mando algum*, se o indivíduo se comprometer a lê-lo. Aquele *algum* é algum dinheiro. Creio que você não chegará a êste sacrificio. Pois, olhe, se estiver com insonia, é pegar e abrir. Estou até com vontade, a conselho de pessoas experientes, de tirar a encadernação e pôr em vidros, para vender nas farmácias.

Depois de pronto o livro, é que o reli, vi que se tratava de formidável estopada. A grossura, só a grossura, faz tremer».

Referindo-se a uma pessoa amiga que perguntou, generosa, por nós: «V. com esta cara, ranzinza, turbulento, e todo o mundo a gostar de você... Eu, a fina flôr da elegância e do bom trato, e aqui, abandonado, quasi evitado como um mordedor.

Aí vai o livro. Não é preciso ler. E' só para ver...»

Na segunda carta: «Você pode vir que você não *vai*. E, depois seria um prazer muito grande, se tivesse, que enterrá-lo. No dia seguinte, quando se dissesse— «O enterro do Leopoldo saíu da casa do Imbassahy...» E os comentários: Como êles eram amigos! Chegou um a ir morrer na casa do outro! E V. lá de cima ouvindo os comentários — Mas, que idéia besta, esta, do Leopoldo de vir morrer aqui!... Fôsse morrer no diabo... Mas, será meu caro Leopoldo, que nós já estamos sobrando? Os moços estão indo... E nós, firmissimos! Ou será que lá de cima, estão dizendo: — não quero aqueles sujeitos aqui, não».

Para rir — e foi rindo que lemos estas boas piadas; e foi rindo que as passamos a outros amigos — ótimas! E, até certo ponto, desvanecedor para nós, de vez que amizade como a nossa, simples, antiguissima e pura, não se vai encontrando, às duzias, por aí...

Há mais, na segunda carta: «Acabo de ler o seu ótimo artigo na R. I. E. *(Revista Internacional do Espiritismo)* sôbre o C. E. e a difusão do Espiritismo. Lamentei que o outro, sôbre as *Memórias*, fôsse tão curto. Você ainda não perdeu a energia polêmica que caracterizou os grandes tribunos e publicistas da *Revolução Francêsa*. Não fôsse V. um deles!»

Haveria muito o que comentar em tudo isso, que ironiza, que faz rir, que sacode com a gente. Fomos, com efeito, polemista, por algum tempo, nesta existência. Depois, fomos arrastado das polêmicas — e mantivemos 25 das mais sérias! — para outros setores da Doutrina. O Imbassahy continua, entretanto, o mesmo polemista, que o conhecemos... antes mesmo de êle ser espírita. E conhecemo-nos polemizando, quasi, nós, defendendo o Espiritismo, que êle, sem ser espírita, ironizava. Aliás, já dissemos isso em outro escrito. Mas, lendo a injustiça e felonia dos senhores do *Congresso Eucarístico* contra seus pseudos-inimigos, não nos contivemos. Daí o artigo a que êle se refere, NÓS, PRINCIPALMENTE, ENTRE OS INIMIGOS...

Mas, trata-se, agora, do seu EVOLUÇÃO. Ao contrário do que êle nos aconselha lemo-lo numa fase dolorosa de cólicas intestinais. E, ao em vez de sua leitura nos produzir insônia... parece que até serviu para curar nossas cólicas.

A leitura do livro, não nos trouxe surprêsa. Exatamente por ser mais um livro do Imbassahy. E que livro! Estamos acorde com o prefaciador da obra, outro grande talento e bondoso confrade, Pedro Granja, quando afirma: «...é o missionário que, no tempo certo e exáto, desceu a estas terras de Santa Cruz para orientar, esclarecer, e ensinar».

O livro, o grande livro, compõe-se das seguintes partes: além do Prefácio substanciosissimo e do A TÍTULO DE PRÓLOGO: *Evolução, A Reencarnação, Os Tabus Religiosos, Os Tabus Científicos, A Manifestação dos Vivos, A Manifestação dos Mortos*. E, cada parte, compreendendo vários capítulos. Falando sôbre a Biblia — e toda gente que lê Carlos Imbassahy sabe como é êle *simpático* a êste livro — ajusta argumentos e citações oportunissimas, de cuja leitura a gente sai pensando e sentindo que a Biblia, o maior livro santo da maioria dos povos religiosos da Terra, não vale mesmo grande coisa...

Faz tempo que escrevemos num jornal profano, A PÁTRIA, um artigo. *Em defesa da Bíblia*. Artigo de que nos lembramos bastante, lendo, agora, EVOLUÇÃO. Artigo em que descobrimos, na Bíblia, uma parte mínima de inspiração divina, citando até o Decálogo, em plena atualidade, menos o seu nono mandamento. Outra parte, de coisas dos homens. E o que mais é: homens apaixonados e orgulhosos, porque conscios que eram o povo escolhido de Deus, por serem deistas. E ainda outra, constante da legislação do povo hebreu, de suas usanças e de seus costumes. Envolvendo todas estas partes distintissimas, os Espíritos a manifestar-se, a dar palpites, a ocupar até o lugar de Jeová, de vez que não é razoável que Jeová se arrependa, a cada passo (nós mesmo chegamos a anotar 27 arrependimentos de Jeová!) e um Deus Criador e Pai que se arrepende do que faz... Dissemos Espiritos a manifestar-se até em nome de Jeová... Será possível? Agora mesmo anda O GLOBO a noticiar que um garoto, Vilmar Schimidt, viu N. S. de Fátima, que o induziu a curar doentes. Ora, para êle ver a santa, era preciso que tivesse existido, de fato, a tal santa. Não seria o caso de um Espírito bom tomar aquela forma, para impressionar bem o menino, naturalmente possuidor de poder curativo... Manifestou-se, uma feita, um Espírito, na sessão que presidimos, justificando os males que andava fazendo a um velho chefe de família. «Males? Eu não lhe estou fazendo mal algum. O que lhe faço é para seu bem. Foi Nossa Senhora que me apareceu e mandou eu fazer-lhe estas coisas todas». Compreendemos tudo, dizendo-lhe: — Pois, você vai ver que N. S. lhe está empurrando para o mal—Apareceu-lhe, realmente, o Espírito que tomou a forma da santa,— a exemplo de atores teatrais, que encarnam o papel do Cristo, de Maria Santissima, de Pilatos — induzindo-o áquilo. A indignação do Espírito que estava sendo enganado por outro, fantasiado de N. S., foi tão grande, que quasi assistimos ao espetáculo de um Espírito estrangulando outro...

Não há, entre nós, livro que supere a Bíblia, por seu passado, pelos foros que já conquistou. Que se deve, então, fazer? O que faz, naturalmente, Carlos Imbassahy e nós, que não somos capazes de lançar fóra um colar de pérolas só porque se encontram nêle algumas gêmas falsas, algumas pérolas jaçadas...

O Livro de Carlos Imbassahy exige, na verdade, estudo mais substancioso, mais completo. E' possível que voltemos a êle, depois destas notas que não são, definitivamente, de estudos de seu livro. Tomamos muito tempo brincando com suas cartas, com suas ironias e espirituosidades. Tempo êste, e espaço, roubados ao livro propriamente dito.

O livro está, realmente, primoroso em sua encardenação, que é obra da REVISTA DOS TRIBUNAIS. São 361 páginas magnificamente impressas, bela e bôa distribuição de textos. Sobre-capa em tricomia, cuja significação não pudemos apanhar bem. Edição da *Livraria da Federação Espírita do Paraná*, que teria gasto muito dinheiro para sua confecção, para a sua publicação. A verdade é que, entre nós, e no campo das letras espíritas, espiritualistas, não conhecemos outro escritor com mais talento, com mais credenciais, com mais merecimento do que Carlos Imbassahy para tão magnifico presente de fim de ano...

Vamos ficando por aquí, depois de transmitir nossos parabens sincerissimos ao autor, ao prefaciador e impressor, uma só pessôa, à Livraria que o editou.

Joven Espírita! Encaminhe os seus passos na senda do trabalho e da união. — Compareça à IX Concentração de Mocidades, a realizar-se em Uberaba de 29 a 31 de Março.

x x x

Juventino! Confraternize com irmãos de várias plagas, comparecendo à IX Concentração de Mocidades nos últimos dias do mês de Março, na cidade de Uberaba (Minas Gerais).

Como os teólogos refutam... (A Índia Misteriosa)

— I —

Vamos provavelmente perder nosso tempo e nosso latim, respondendo a Frei Boaventura Kloppenburg. A sua refutação a nosso livro «Reencarnação e suas Provas», escrito de parceria com Carlos Imbassahy, através de sua obra «Reencarnação-Exposição e Crítica», será lida pelos católicos do Brasil inteiro e por uma quantidade considerável de espíritas que não se arreceiam do estudo de filosofias alheias. Mas, o nosso livro, interditado à leitura de suas ingênuas ovelhas, ficará desconhecido, e o ilustre reverendo alcançará entre a sua claque, as palmas da vitória. No consenso católico, estará a «Reencarnação e suas Provas» pulverizado pela pena de um erúdito professor de Teologia Dogmática.

E' lealdade o que se retrata ou é isto um sinál de justiça católica? Como poderão os fiéis de sua Igreja fazer um julgamento honesto, quando têm em mãos, apenas, o que escreveu o eminente teólogo?

Esta atitude inexplicável só pode ser justificada pelo receio, pelo temor, que não mais se esconde, de que os nossos argumentos impressionem os fiéis de sua Igreja. Mas, se a nossa filosofia não presta, se os nossos argumentos são inconsistentes, não há o que temer. Não sabemos, assim conciliar êste receio com a inutilidade dos conceitos espíritas.

Dizer que o Catolicismo assim procede para evitar qualquer contaminação à multidão católica romana, que será esta a resposta, não é razoavel, também

Não vivemos a pregar a imoralidade, a corrupção, o desamor ao próximo e ao Pai Supremo. O que temos feito até hoje, tem sido justamente o oposto. Procuramos aconselhar a fraternidade, o sentimento de justiça e de amor para com nosso semelhante, fazendo sentir a todos os que nos lêem aquilo que constitue a essência da pregação dos grandes luminares, com especialidade o que nos legou o maior gigante da espiritualidade: «*A cada um segundo as suas obras*».

Mau grado a nossa incontestável desvantagem, no que concerne à divulgação de nossas idéias, passemos ao assunto.

Em nosso livro afirmamos o seguinte:

«*Por mais longe que possamos sondar o passado, aí encontraremos o princípio das reencarnações como base da fé. Os caldeus, os hebreus, J. Cristo e os primeiros cristãos, os filósofos gregos, Pitágoras, Esopo, Platão, Aristóteles, os Pais da Igreja, Orígenes e Clemente de Alexandria a tinham escrito como postulado fundamental da religião do Universo.*

Saiu fora de forma, apenas, o Catolicismo que, para assegurar à Igreja a dominação, substitui a palingenesia por uma vida única, acrescida da legenda do Céu e do Inferno para coroamento. Isto se deu no ano 533, no concílio realizado em Constantinopla. Foi nesta data que a Igreja cometeu esta imprudência . . . A Índia, o Tibet, o Mongol, a Persia, a China, o Egito, todos povos isolados uns dos outros, professavam a mesma crença».

Porque escrevêssemos o que acima se encontra, somos taxados ironicamente pelo Frei de «o modestíssimo Sr Mario Cavalcanti» e acha êle que antes deixassemos dormir no fundo de nossas gavetas a nossa afirmativa: «Por mais longe que possamos sondar o passado». Não sei onde pode divisar falta de modéstia em palavras como as que citamos. Elas o que poderiam é provocar uma lição de História e esta nos foi dada pelo sábio teólogo. Sirva-nos ou não a lição, é dever de cortesia deixar impressos os nossos melhores agradecimentos.

Pedimos, entretanto, licença ao insígne professor para não quedarmos silencioso e podermos alinhavar algumas palavras em defesa de nossas asserções. Vejamos o que dizem aquêles que sabem:

«*A defesa das vidas sucessivas ou reencarnação é chamada também palingenesia, de duas palavras gregas — Palin, de novo, genesis, nascimento. O que há de muito notável é que, desde os albores da civilização, ela foi formulada na Índia, com uma precisão, que o estado intelectual desta época longínqua não fazia pressagiar.*

Com efeito, desde a mais alta antiguidade, os povos da Ásia e da

Grécia acreditavam na Imortalidade da alma, e mais ainda, muitos procuravam saber se essa alma fôra criada no momento ou se existia antes.

Lembrarei, ligeiramente, as opiniões dos autores que estudaram a questão.

A Índia é muito provavelmente o berço intelectual da humanidade e é interessante que se encontrem nos Vedas e no Bagaveda-gita passagens como a que se segue:

«A alma não nasce nem morre nunca; ela não nasceu outróra nem deve renascer: sem nascimento, sem fim, eterna, antiga, não morre quando se mata o corpo.

Como poderia aquêle que a sabe imperecível, eterna, sem nascimento e sem fim, matar ou fazer matar alguêm?

Assim, como se deixam as vestes gastas para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos. Eu tive muitos nascimentos e também tu, Arjuna: eu os conheço, mas tu não os conheces». (Bagaveda-gita).

Aquí se afirma, na doutrina védica, a eternidade da alma e sua evolução progressiva pelas reencarnações múltiplas, as quais têm por objeto a destruição de todo desejo e de todo pensamento de recompensa pessoal. Com efeito, prossegue, ainda, o Instrutor (é sempre a voz celeste que fala):

«Chegadas até mim estas grandes almas que atingiram à perfeição suprema, não entram mais nessa vida perecível, morada dos males. Os mundos voltarão a Brama, ó Arjuna, mas aquêle que me atingiu não deve mais renascer». (Gabriel Delanne, «Reencarnação», ed. da FEB, trad. de Carlos Imbassahy, 1940, pags. 19 e 20).

O autor aconselha para a parte histórica, consultar a obra muito bem feita de André Pezzani, intitulada «A Pluralidade das Existências»; o livro do Dr. Th. Pascal: «A Evolução Humana»; «A Palingenesia» de Charles Bonnet e o «Ensaio de Palingenesia Social», de Balanche; todas elas comprovantes do que se assegura.

«Quanto à imortalidade da alma, os Vedas afirmam tão alto e tão claro quanto possível. «Ela é uma parte imortal do homem; é ela, ó Agni, que é necessário aquecer com teus raios, inflamar com teu fogo. O jatavadas, no corpo glorioso formado por ti, transporta-a ao mundo dos piedosos».

Os poetas védicos não indicam sòmente o destino da alma, êles se preocupam também com sua origem. «De onde vêm as almas? Elas vêm a nós e voltam, voltam e vêm». (Ed. Schuré — «Les Grands Initiés, pág. 43, Paris, Lib. Academique Perrin & Cia., Librairie — Editeurs, 32 — Quai des Grands — Augustins, 35 — 1927).

Eis aí em duas palavras a doutrina da reencarnação que desempenhará um papel capital no Bramanismo e no Budismo, entre os egípcios e os órficos, na filosofia de Pitágoras e de Platão, o mistério dos mistérios, o arcano dos arcanos.

Segundo os Vedas e de acôrdo com a escola de Sankhia, há quatorze esféras de transmigrações onde o espírito espia seus pecados e se purifica, afim de se despojar, no futuro, definitivamente da matéria; *sete esféras são superiores ao homem, a oitava é o estado humano e as seis últimas são inferiores ao homem.* Estas quatorze esféras ou ordens constituem os *três mundos* que representam no espírito dos hindús o império das *três qualidades da alma.* Nêsses mundos, nessas esféras, a alma experimenta o mal que nasce da decadência, até que ela fique completamente livre de sua união mesmo com o corpo etéreo e com os elementos sutís, e até que seja transformada na condição de *puro espírito.*

Além dêstes mundos ou esféras intermediárias ou expiatórias, há, ainda, os lugares onde os maus sofrem por suas culpas, tais como o *Yamma-loca* e o *Atam tappes* (pontos de obscuridade). (Roger, «*La porte ouvèrte pour parvenir à la connaissance du paganisme caché*» — trad. em francês por Le Grüe. Amsterdam, chez Jean Schipper — 1671 — t. II, c. 21).

Podemos comparar êsses lugares, onde os maus sofrem toda sorte de penas e tormentos, ao inferno. Não obstante, depois de haverem passado numerosas séries de anos nestas terríveis moradas infernais, os grandes criminosos são conde-

nados, no fim dêste período, ás transmigrações penosas para término da expiação de seus pecados (Leis de Manú - XII, § § 75, 76 e 80).

Segundo as Leis de Manú, *não há penas eternas;* a alma cujas manchas foram apagadas, voltam a encarnar no corpo de um homem. Os cinco elementos do corpo etéreo concorrem para a formação do corpo grosseiro que está destinado a sofrer as torturas do inferno. (Leis de Manú — XII, § 21).

Quanto ás almas bem-aventuradas, há para os indianos, duas classes principais, levando em consideração a metempsicose :

1.º— Os *Santos,* cuja meditação piedosa foi dirigida *sôbre* o puro Brama, e que vê a alma suprema em todos os sêres na alma suprema ;

2.º—As almas daqueles cuja contemplação foi parcial e restrita. (Leis de Manú — XII, § 90).

Estas almas inferiores às dos Santos são obrigadas a reencarnar na Terra (Brama-Soudra. II). Êstes espíritos não vão além das regiões da Lua, ou segundo o seu grau de perfeição, podem atingir o reino de *Varouna,* o regente da água. E' de lá que êles voltam a ocupar um novo corpo, trazendo consigo a influência resultante de suas primeiras obras. (Brama-Soudra, III, c. I, § § 4, 6).

Estas transmigrações da alma dependem da virtude e do vício, pois, o *destino da alma é principalmente influenciado pelos pensamentos que êle experimenta no momento da morte.* (Brama-Soudra, I, c. II, § 1; Leis de Manú — XII, § 23).

A história religiosa é, por assim dizer, a verdadeira história da Índia... O hinduismo atual se pretende originário legitimamente do Vedismo antigo e impõe a seus adeptos, como o dogma fundamental da ortodoxia, a autoridade sobrenatural dos Vedas. A despeito das aparências contrárias, o hinduismo tem razão: o adorador dos deuses védicos não se sentiria fóra de sua pátria entre os devotos de Vichnou e Siva. A doutrina da transmigração, desde muito entrevista, se afirma como um dogma e se impõe como uma categoria fatal do espírito hindú (Sylvain Lévi — *Encyclopédia de Berthelot,* t. XX).

O leitor nos será grato, diz Jaccoliot, da oportunidade que tenho de dar, de acôrdo com Colbrook, W. Jones, Wilson, Strange, X, Raymond e de nossos próprios estudos, um resumo mais ou menos completo das doutrinas filosóficas da Índia; e verá que estas doutrinas inspiraram todos os filosófos da antiguidade, da mesma forma que as concepções religiosas da Terra do Lotus, tinham inspirado todos os templos e que Vyasa, Gotama, Kapila e Pantadjali são os ancestrais de Pitágoras, de Sócrates; de Pyrrhom, de Platão, de Spinosa e de Kant.

Os indianos reconhecem seis escolas filosóficas como remontando a uma alta antiguidade; uns tinham opiniões que estão em oposição perfeita com as doutrinas religiosas dos Brâmanes; outros, embora aceitos como perfeitamente ortodoxos, avançam opiniões cujas origens não se saberia encontrar nos Vedas. (X. Raymond).

Colbrook ordena estas escolas na ordem seguinte :

1.º — A primeira escola Mimansa, fundada por Djemini.

2.º — A segunda escola Mimansa ou Vedanta, cuja fundação é atribuida a Vyasa.

3.º—Escola Nyaya ou lógica de Gotama.

4.º A escola atomística de Kanadi.

5.º - A escola ateista de Kapila.

6.º A escola panteista de Pantadjali.

As duas últimas destas escolas professam a mesma doutrina sob muitos pontos de vista e são ordinariamente reunidas sob o nome de Sankia.

As duas escolas que escolheremos para esta exposição sumária são a escola Sankya e a Vedanta. A primeira afirma a eternidade da matéria e seu ramo principal nega a existência de Deus. A segunda faz derivar todas as coisas de Deus e um de seus ramos nega a realidade da matéria.

Todos os sistemas hindús, ateistas ou deistas, estão, no entanto, de acôrdo com o fim a que se propõem : descobrir e ensinar os meios de chegar à beatitude final, isto é, de conseguir a isenção da metempsicose e o afastamento de todas as dôres, que resultam da existência corporal do homem. (L. Jaccoliot — «La Femme dans l'Inde», 1877, pág. 49).

Como vê o ilustrado Frei não é de admirar as nossas expressões: «*Por mais longe que possamos sondar o passado*». E' bem verdade que não podemos ir mais

longe, uma vez que a História a isso não nos permite, mas, pensamos que atingimos aquêle livro pre-histórico que citamos a que na Índia dão o nome de Vedas.

Agora, Frei Boaventura :

«Uma conclusão de particular interêsse para o nosso caso é êsta: a doutrina da metempsicose era totalmente estranha à religião primitiva dos hindús, estava ausente na primeira parte da época védica e é, portanto, de introdução relativamente recente». (F. Boaventura, liv. cit., pág. 39).

Não sabemos a importância que isto possa ter como argumento importante contra a doutrina reencarnacionista. Nem ao menos o *«relativamente recente»* do Frei, tem substância ; mas, o que se evidencía, pelas citações acima, é que a palingenesia é antiquíssima.

Tomemos de empréstimo ao «Bagaveda Gita», êste magnifico episódio da guerra civil que destruiu a Índia gloriosa e a deixou sem defesa contra os sucessivos invasores que deviam completar sua decadência. O grande poema nos mostra um glorioso e nobre príncipe, Arjuna, no ponto de tomar parte na luta. Os dois exércitos, formados em batalha, vão se precipitar um contra o outro; as flexas começam a atravessar os ares. Arjuna vên o exército contrário parentes queridos, instrutores venerados, amigos afeiçoados que o destino colocou em campo oposto e que dão ao combate todos os horrores do parricídio e do fratricídio. Esmagado de dôr, comovido até o mais profundo do coração, de uma piedade imensa, Arjuna deixa cair seu arco, e apela para seu instrutor, o divino Krisna :

«Ó Krisna, disse êle, quando vejo êstes parentes formados em batalha e prestes a combater, meus membros se paralizam, meu semblante perde a vida, meu corpo treme e meus cabelos caem sôbre a testa; meu arco cai de meus braços, a febre queima meu peito, eu hesito e não posso pensar.

Eu não vejo nêste massacre senão maus presságios. Eu nada desejo, nem prazeres, nem vitória, nem trôno. Aquêles para quem desejamos estas coisas estão lá, prestes a combater, depois de haverem feito sacrifício de seus bens e de suas vidas : são nossos preceptores, nossos pais, nossos filhos, nossos avós, nossos genros e netos, nossos cunhados ou nossos aliados.

Desejam matar-me e eu não quero a morte, nem ao preço do império dos tres mundos.

. . . . . .

Eu não combaterei.»

O divino Krisna sorriu, então, a seu discípulo bem amado, e disse lhe :

«Choras por homens que não deves chorar ; tuas palavras são de falsa sabedoria. Os sábios não choram, nem os viventes nem os mortos. Nunca a vida me faltou, e nem tu, nem êstes príncipes jamais cessaram de existir : nunca deixaremos de existir.

Mesmo que êste corpo mortal passe pelas sucessivas fases da infância, da juventude e da velhice, mesmo depois da morte do corpo, a alma se reveste de um novo corpo.

E êstes corpos que desaparecem, são animados por uma alma eterna, indestrutível, imutável. Aquêle que crê que mata a alma ou que ela o mata, se engana ; ela não mata nem pode ser morta . . .

. . . . . .

Como é que aquêle que a sabe eterna, imperecível, sem nascimento nem morte, poderia matar alguém ? Como se deixam as vestes usadas para tomar novas, a alma abandona os corpos usados para revestir novos corpos.

. . . . . .

Não penses senão em teu dever, e não tremas : nada melhor se pode dar ao Kehattrva (guerreiro) que uma justa guerra . . .»

Citemos mais êste texto do Bagaveda sôbre a transmigração :

«No momento em que êste mundo saíu da obscuridade, os princípios elementares sutis produziram a semente vegetal, que animou então as plantas ; das plantas, a vida passou pelos corpos fantásticos que nasceram na lama das águas ; depois, por uma série de formas animais diferentes, chegou até o homem.

«O homem consciente e livre por suas ações produz o bem e o mal.

«Depois de uma longa morada em seus envelopes provisórios, as almas dos homens comparecem ante o tribunal de Yama, juiz dos mortos. Êste enviado celeste admite na swarga os que levaram uma «vida eminentemente virtuosa, e encerra no naraca (inferno) os que se entregaram ao pecado. Quanto às almas medianamente virtuosas, em parte pecadoras, elas serão enviadas à Terra para aí animar outros corpos e aí pagar as penas devidas a seus pecados, e aí receber as recompensas merecidas por suas boas ações».

«Assim, todo renascimento, feliz ou infeliz, é a consequência das obras praticadas nas gerações anteriores, e nisto está a recompensa e a punição.

«Entretanto, aquêles que morrem na terra sagrada (Ceilão) não são mais expostos a novos renascimentos: vão direito ao swarga.

«As almas que voltam à Terra vão animar diferentes corpos: tanto passam pela estirpe das plantas, como podem tomar a forma de um inséto, de um reptil, de um passáro, de um quadrúpede ou de um homem.

«E' unicamente pelas boas ou más ações que elas são susceptíveis de uma transmigração mais ou menos vantajosa; desta forma, os bens ou males terão que experimentar nos diversos estados pelos quais terão de passar.

«O homem é o que há de mais eminente na Terra; nascer nesta condição, em qualquer casta que seja, supõe sempre um certo grau de merecimento.

«Entre os homens os brâmanes têm o primeiro lugar; ora, o favor de animar um brâmane é devido ao mérito acumulado por um grande número de gerações anteriores.

«Praticar a virtude para obter qualquer graça é sempre um bem; mas praticá-la com um inteiro desinterêsse e sem esperar nenhuma volta, nenhuma recompensa, é o que há de mais perfeito; êstes ficarão no swarga, e não fica sujeito a mais nenhuma mudança.

«Eis, pois, o fruto de nossas obras, eis porque a mesma alma habita tanto na estirpe das plantas, como no corpo de um animal ou de um homem: porque ela é feliz ou infeliz nêste mundo e no outro.

«Muito antes dela se despojar de seu envelope mortal, as almas que só praticaram o bem, como aquelas que habitam os corpos dos sannvassis e dos vanaprastha (anacoretas e cenobitas), adquirem a faculdade de conversar com as almas que as houverem precedido no swarga. E' o sinal para as almas de que a série de suas transmigrações na Terra está findo». (Extraído do Bagavatta).

Êste texto, diz Jacooliot, em «Christna et le Christ», à pág. 304, de um dos mais renomeados livros da teologia bramânica, confirma sob todos os pontos de vista a doutrina de Manú e as teorias científicas e religiosas que deram nascimento à metempsicose, que acabamos de expôr.

E' incontestável, continua o mesmo autor, que a ciência antiga, sempre de acôrdo com a escritura sagrada, uma vez que esta última não foi na maior parte do tempo que uma vulgarização simbólica de suas idéias, fez passar o sôpro vital, a alma, por uma série de transformações que, do estado rudimentar do vegetal, foi gradualmente elevada, modificada, para chegar aos animais e ao homem.

O último sloca da citação anterior, contém em princípio toda a doutrina dos pitris ou almas purificadas, ainda não completamente desvendada na Índia antiga a não ser aos iniciados ou às classes superiores.

Como nos referimos às leis de Manú e ao Bagaveda-Gita, é necessário que digamos alguma coisa sôbre a antiguidade dêstes livros, muitas vezes, em virtude das conveniências, contestada pelo Catolicismo.

«Sabe-se que o legislador Manú se perde na noite dos tempos antehistóricos da Índia e que nenhum indianista ousa recusar-lhe o título de mais antigo legislador que apareceu no mundo». (L. Jacooliot — «Christna et le Christ», pág. 350).

«Todos os grandes indianistas que passaram uma parte de suas vidas na Índia, William Jones, Colebrook, Thomas Strange, Wilson, Princeps e outros, dão ao Bagaveda-Gita uma antiguidade de mil e duzentos a

mil e quinhentos anos antes de nossa éra, e o futuro estenderá ainda mais esta data, assim que a Ciência esteja de uma vez para sempre desembaraçada desta cronologia bíblica, que dá ao homem seis mil anos de existência, e tem necessidade, para se estabelecer, de patriarcas que viveram de oitocentos a mil anos cada um».

«William Jones acreditava tanto na autenticidade do Bagaveda-Gita, capítulo do Mahabaratha, consagrado a Christna, que êste indianista de gênio se serve desta obra em seus «Comentários sôbre os mais antigos legisladores da Índia (Madana-Ratna-Pradipa), para aclarar e precisar o sentido de certos textos».

Poderiamos encher páginas e páginas de textos reencarnacionistas tirados dos antiquíssimos livros hindús, mas como a estrada a percorrer é longa em demasia, forçados que somos a esta caminhada pelo ilustrado teólogo que nos combate, deixaremos para outra oportunidade, a feitura de um trabalho mais concatenado, e atenhamo-nos, apenas, áquilo que é neceasário no momento.

Pretendemos continuar. O ilustre teólogo, entrementes, vá arranjando novos argumentos, que os da Índia, como vimos, cairam iniludivelmente.

O mesmo pretendemos fazer com o Egito, a Pérsia e outras nações citadas em «Reencarnação e suas Provas». Ninguém perde por esperar.

Mario Cavalcanti de Melo.

Restrições ao Livre Arbítrio

DEOLINDO AMORIM

— I —

A *endocrinologia* oferece, hoje, sem dúvida alguma, campo vastíssimo para o estudo das reações e do comportamento humano. Tão acentuada, tão importante é a influência das glândulas, principalmente em determinadas pessoas, que a *endocrinologia* deixou de ser uma disciplina exclusiva dos especialistas (médicos e penalistas, por exemplo) para ser um ramo de conhecimento aberto a outros profissionais e estudiosos: o psicólogo, o educador, o sociólogo, o antropólogo, todos enfim, recorrem á *endocrinologia*, até certo ponto, quando se defrontam com alguns problemas em que o mau funcionamento das glândulas endócrinas pode trazer perturbações gerais, com inevitável repercussão na vida psíquica do indivíduo. A cultura humana forma um tecido de conhecimentos tão ligados entre si, tão dependentes uns dos outros, que, apesar de tantas *especializações*, não há, a rigor, uma disciplina cientifica inteiramente desprendida do conjunto: nenhum técnico ou especialista poderia, por exemplo, fechar-se para sempre no campo estreito de sua especialidade sem tomar conhecimento dos vínculos de relação ou interdependência, que ligam todos os campos de conhecimento. Fóra da parte pròpriamente técnica ou da esféra estritamente profissional, qualquer estudioso ou investigador, dentro da contextura dos conhecimentos gerais, está sujeito a levar as suas perquirições a certos domínios da cultura especializada, por necessidade do próprio desenvolvimento do raciocínio. Um sociólogo, por exemplo, pode ocupar-se de matéria médica, conforme sejam os problemas que se lhe apresentem, principalmente se as condições sanitárias de uma região determinarem o advento de problemas sociais; do mesmo modo, um geógrafo pode ter necessidade, ás vezes, de recorrer á *psicologia*, quando se faz necessário verificar até que ponto a topografia de uma localidade pode influir nas reações de seus habitantes, em suas formas de comportamento; o educador, embora tenha suas atividades adstritas aos problemas de *pedagogia*, também pode necessitar do auxílio de outras disciplinas, como a *psicologia*, a *criminologia* etc., desde que se lhe apresentem problemas em que haja necessidade da interferência da educação nas atitudes e tendências de indivíduos ou grupos predispostos ao crime.

A cultura humana é um *todo*, e as

disciplinas, com as suas especializações, são as partes, e tôdas elas se relacionam direta ou indiretamente, pois nenhum ramo de conhecimento pode ficar inteiramente à margem dos outros, como esfera independente ou à parte. Não, não é possível. Embora respeitando os limites inconfundíveis e necessários da cultura especializada, a verdade é que a cultura geral abarca, forçosamente, os mais variados domínios de conhecimento, mesmo porque a velha *sêde de saber* é insaciável. Á margem de particularidades que constituem, realmente, seára exclusiva dos iniciados ou dos especialistas em determinadas profissões, todas as disciplinas científicas podem suscitar discussões e problemas que ultrapassam o ambito limitado da atividade técnica e se projetam no domínio da generalidade, permitindo, assim, derivações para outros ángulos de observação. É o que se dá com a *endocrinologia*, disciplina que interessa, hoje, a todos quantos estudam o comportamento humano, até mesmo sob o ponto de vista filosófico É natural, portanto, que a *endocrinologia*, embora seja uma especialidade científica, tenha dilatado muito as suas fronteiras, ora para receber a contribuição de outras disciplinas, ora para levar elementos de elucidação a certos problemas cuja solução depende, por exemplo, de premissas em que se possa determinar até que ponto vai a influência das glândulas de secreção interna (*tiroide*, *hipífise* etc) nas atitudes, nas reações do indivíduo. Não é necessário ser especialista para saber que os distúrbios glandulares têm repercussão na vida psíquica. Há correspondência entre os atos de natureza psíquica e os atos de natureza fisiológica, sem que, por isso, seja necessário negar a independência da alma em relação ao corpo.

Que relação, afinal, tem a *endocrinologia*, com a doutrina espírita? Relação própriamente esquemática, na realidade, não existe entre uma e outra, porque a *endocrinologia* pertence a um grupo de ciências cujos métodos e objetivos são muito diferentes da esquematização geral do Espiritismo. Todavia, por mais que procuremos guardar distância entre uma e outra, não podemos deixar de nos defrontar, muitas vezes, com problemas e discussões em que se cruzam, inevitavelmente, as balizas que demarcam os dois campos. Por que? Naturalmente porque certas teses espíritas incidem sôbre o domínio da *endocrinologia*, por fôrça de um princípio geral: a reciprocidade da influência entre o corpo e a alma, entre a vida orgânica e a vida mental no composto humano.

O Espiritismo não despreza as luzes de qualquer ciência moderna, como não rejeita, se fôr necessário, qualquer solução conciliatória entre êste ou aquêle de seus postulados e as demonstrações que vierem provar o acêrto de uma tese ou de um princípio novo. No terreno da investigação e da discussão científica, o Espiritismo nunca foi, não é e não pode ser uma doutrina *fechada*, nem um sistema cristalizado, porquanto o seu próprio caráter de doutrina evolutiva exige o desdobramento incessante de suas conclusões, sem prejuizo dos princípios basicos em que se assenta a solidês de tôda a sua construção doutrinária. Quem o diz é Allan Kardec:

> *Como meio de elaboração, o Espiritismo procede exatamente da mesma forma que as ciências positivas, aplicando o método experimental. Fatos novos se apresentam que não podem ser explicados pelas leis conhecidas, êle os observa, compara, analisa e, remontando dos efeitos ás causas, chega à lei que os rege; depois, deduz-lhe as consequências e busca as aplicações úteis. NÃO ESTABELECEU NENHUMA TEORIA PRECONCEBIDA.* («A GÊNESE»), cap. I n.º 14),

Como se vê, é a aplicação do método indutivo, comum a outras ciências. Se, portanto, o Espiritismo não estabeleceu *nenhuma teoria preconcebida*, claro é que os seus princípios partem de uma base concreta: os fatos. Apoiado sôbre fatos, o Espiritismo não teme nem pode temer qualquer discussão científica, como não pode rejeitar a contribuição de qualquer outra fonte de conhecimento, desde a que se faça necessária a elucidação de certos problemas. Acontece, porém, que o Espiritismo não se conforma com as generalizações sistemáticas ou radicais a respeito de problemas que podem ser observados através de prismas diversos e não, apenas, à luz de um prisma único. Certos adversários do Espiritismo, por exemplo, tentam resolver certos problemas, e problemas complexos, apenas por uma saida invariável: as glândulas endócrinas. A *endocrinologia* passa

a ser, portanto, a última palavra, como se não houvesse livre arbítrio, como se não houvesse evolução. E' neste ponto, justamente, que a doutrina espírita, embora aceite a influência das glândulas no comportamento humano, porque é uma decorrência das relações entre o corpo e a alma, não vai nem pode ir ao extremo de abrir mão de certos argumentos para sancionar uma solução unilateral, desde que se verifique a impossibilidade, já tantas vezes discutida, de se explicar certo tipo de fenômenos apenas pela ação de certas glândulas. (A êste respeito, como se sabe, existe uma obra notável, de autoria de Carlos Imbassahy e Mário Cavalcanti de Melo, sob o título: *A Reencarnação e suas provas).* Queremos, porém, focar outro aspecto do problema.

Memórias de um Espírita Baiano

LEOPOLDO MACHADO

X CAPÍTULO
Sós, sem o chefe da casa

1 — Meu pai deixou-nos em Jatobá e rumou para a Amazônia.

2 — A miséria fez, então, morada em nossa casa. Conheci-lhe aí o agudo ferrão. E pude, embora muito pequenino, ajuizar do valor de minha mãe. Passei a vê-la, diáriamente ao veio da máquina, costurando para manter a casa. Quantas vezes, deixava a máquina para ir chorar na cama, deitada sôbre o estômago a doer-lhe desesperadamente.

— Doente, mamãe? Eu lhe perguntava, interessado e triste.

— Sim, meu filho. Mas, vai brincar, vai...

* * *

3 — A Odilia fazia uma série enorme de enfeites e brinquedos para vender. Na época de carnaval, limão de cheiro, para o *entrudo,* ainda em moda. Todos trabalhavam como podiam. E a miséria de fóra ainda vinha bater a nossa porta, atraída pelo coração generoso de minha mãe.

4 — Era o caso de uma pobre mulher que ia, quasi que diáriamente, buscar qualquer *de comer* à nossa mesa. Chegava e ficava olhando... olhando para a mesa de nossas pobres refeições, a que nunca faltava o *cuscús de milho com feijão mulatinho* e o *arribacão*...

5 — A senhora já comeu, d. Joana?

— Não, minha *fia. Ainda hoje não tirei o ruvaio da boca.*

Tirar o *orvalho da boca* significava não ter comido. E arribacão era um prato especial, que, parece, até o *cão arribava:* feijão mulato com arroz pardo, carne, linguiça, tempêros, tudo cosido de se comer a talhadas, frio. E como sabia bem a exquisita iguaria!

6 — Passou minha mãe a cortar tudo para fazer calcinhas que os filhos vestissem. As toalhas de mesa, os lençóis entraram todos na tesoura. Fazia isso com saudade, que era aquilo, talvez, a única recordação de seu enxoval de casamento!

* * *

7—Ao crepúsculo de um dia triste, apareceu um casal à porta. Êle, era amigo do Chanduzinho da Rocha. Ela, uma jovem que êle raptara:

— D. Marotinha: esta moça é minha noiva. Eu quero me casar com ela. Os pais dela não querem. Então, eu a trouxe para cá. Amanhã, virei buscá-la para levá-la a Igreja, para nosso casamento.

A moça ficou em casa. Muito calada e triste, aliás.

8 — No dia seguinte, manhã cedo, veio o moço. E falou à moça, à distância, da porta:

— Volte para sua casa. Já não nos casaremos, já não quero mais casar com você.

A moça caíu em pranto. Mas, teve mesmo de voltar para casa.

O advento do Espiritismo significa o fim dos tempos com a entrada de uma nova era fundada no vero cristianismo. Alegrai-vos com isto, porque já sois dignos do reino de Deus. — GREGORIO.

POR QUÊ DOUTOR ?

Tenente-Coronel
Levino Cornelio Wischral

OLHOS esbugalhados, peito ofegante, ventre volumoso, fisionomia de pavor, lá estava Alonso a se debater, em dolorosa convulsão, sôbre a cama de pau-marfim, guarnecida de linhos puros e rendas valiosas. O dormitório, luxuoso e amplo, acompanhava as linhas magníficas daquêle distinto solar da Avenida Batel.

Desde alguns anos, Alonso suportava, ali, em seu leito de dor uma dura expiação. Os mais afamados médicos desfilaram à sua cabeceira deixando receitas às centenas; recursos terapêuticos, os mais modernos, foram lembrados e aplicados; especialistas da Europa e da América foram convocados; fortunas e mais fortunas foram gastas; todavia a ascite — barriga-dágua, no dizer do povo — continuava rebelde, invencível, a zombar dos recursos científicos.

Com o decorrer dos meses a aflição aumentava de intensidade chegando a transformar aquêle moço, de dezoito anos, num velho de rosto encarquilhado pela dor.

Tal moléstia, que no dizer dos entendidos, só acomete os velhos, ou os que abusam do alcool, ou ainda os infectados pelas toxinas de alguma doença grave, inexplicavelmente vítima Alonso sem que êste esteja incluido em algum desses casos, conforme, aliás, apuraram os médicos assistentes em suas pesquisas e exames. O ponto de partida da enfermidade constituia a grande interrogação que se assinalava misteriosa nas conferências médicas

Uma vez por semana, era extraido de seu ventre de doze a quinze litros dágua para aliviar-lhe a agonia; assim procedendo, evitava-se a morte certa que se daria através de hemorragias pela ruptura das veias do esôfago.

Alonso, de inteligência viva, entristecido, observava os olhares, não menos tristes, acompanhados de expressões piedosas de seus familiares e amigos que, inutilmente, procuravam consolá-lo; já estava fatigado de tanta simulação.

Lentamente, formou-se em torno da familia Lopes uma onda de pavor, parecia que algo de grave e misterioso amaldiçoava aquele rico palacete. À noite e algumas vezes durante o dia, podia-se ouvir, não se sabendo partidos donde, gritos plangentes de dor acompanhados de palavras de ódio e vingança. O mêdo e a ansiedade fixavam-se em todos os familiares e o solar tornou-se moradia de fantasmas.

Aflito, o austero Lopes chorava às escondidas, para que suas lágrimas e seu pranto não magoassem, mais ainda, o coração bondoso de sua Carmen, idolatrada companheira de longa jornada. De modo semelhante procedia a boa velhinha que, apesar de tudo, ainda se mostrava firme e confiante.

Depois de Dolores, filha mais velha, vinha Juan, Consuelo, Ramiro, Fernando e outros, sendo Alonso, o caçula, querido de todos, menina dos olhos dos pais e amigos; era Alonso, sem exagêro, considerado o «namorado mui querido e lembrado de todos os momentos».

Agora, era Dona Carmen, a amorosa mãesinha que, no seu rosário de sofrimentos, se achava abatida e extenuada pelas preocupações e apenas, sabia interrogar, de semblante aparentando alucinação: «mas, por quê, doutor, sofre tanto meu filhinho?» Só sabia pronunciar esta frase que, invariavelmente, dirigia aos médicos, aos visitantes, aos filhos e aos santos de seu oratório quando, contrita, se prostava em prece.

Fazia pena observar a família Lopes mergulhada em densa atmosfera de abatimento, desânimo e confusão; o padecimento atingia a todos e não estava longe de chegar às raias de contagiante desespêro coletivo.

A revolta e a lamúria contra Deus, ainda mais, saturavam de dor e aflição aquêle desolado lar. Todos estavam desorientados, tudo descambava, parecia até que o pesado palacête se abatia fragorosamente sôbre os seus infelizes ocupantes quando, Consuelo, de coração mais puro e humilde, intuitiva ao extremo, resolveu invocar, através de veemente oração, o socorro de Jesus, o bondoso Cristo Médico, para todos os nossos momentos difíceis.

Parecia que Consuelo ouvira agora, ao se ajoelhar em contrita prece, a própria voz de Jesus como em remotas épocas passadas, meigo e sereno, exortava à multidão necessitada e maltrapilha, dizendo:—«Está alguém entre vós aflito? Ore então!»

Nêsse santo colóquio foi a moça envolvida numa atmosféra de amor e sublimidade, enquanto dos céus caíam sôbre ela perfumadas pétalas de rosas em forma de estranha neblina —bençãos de Jesus— destinada a alegrar aquêle coração amargurado. Apesar de sua lacrimosa face, exclamou extática: «Quanto júbilo, meu Deus!» Pela primeira vez sentiu que sua prece fôra ouvida!

Enquanto a maravilhosa alegria inundava o coração de Consuelo, era Alonso rúdemente atingido pelo desgosto. Os médicos, para satisfazê-lo, desenganaram-no afinal; teria apenas, quando muito, duas semanas de vida.

Forçado pela dolorosa contingência, contrariando preceitos religiosos e normas sociais foi a família Lopes, como último recurso, bater, constrangida e apressada, às portas do centro espírita mais próximo.

De afogadilho suplicavam, todos ao mesmo tempo, uma cura rápida e milagrosa, uma imediata solução para os seus problemas cruciantes!

O dirigente dos trabalhos mediúnicos, humilde e paciente esclareceu à descontrolada família Lopes que tudo o que nos acontecia se processava dentro do rítmo imutável da lei de causa e efeito e que, o caso relatado nada mais era do que a colheita obrigatória do que fôra semeado através de obras, atitudes e até pensamentos, nesta, ou em outras vidas transátas.

Deu-nos gosto acompanhar o doutrinador, explanando com exemplos adequados a origem das mazelas e agruras que martirizam a pobre humanidade. As atribulações que, hoje, nos atingem são motivadas pelos deslizes, erros e crimes praticados em encarnações passadas. Por outro lado, é certo, também, que as aflições que, hoje, nos flagelam são as mesmas que nós, individualmente, impuzemos, à outras pessoas. Aquêle, pois, que inflingir a Lei de Amor de Deus — terá que resgatar essa infração ou violação até o último til, até o último pingo do i no dizer de nosso iluminado Mestre; nós mesmos nos punimos pelos êrros que cometemos — esta é a Grande Lei que rége o Universo.

O ideal seria que cada um compreendesse que a dor é o aguilão divino e bendito, ou seja, o recurso utilizado por Deus, para harmonizarmo-nos com a vontade suprema, já que pelo amor isso não conseguimos. A dor deve pois, ser cultivada e glorificada no altar de nossa consciência por ser ela que nos impulsiona à perfeição.

Terminou o dirigente dos trabalhos por aconselhar que resignados fossemos descontar, parcela por parcela, o nosso importuno débito; que cada um se aperfeiçoasse o quanto pudesse, e, que êle iria rogar a Deus, pelos irmãos necessitados, como êle próprio, se considerava um.

Assim no centro espírita da Rua Iguaçú, foram iniciadas as tarefas da assistência ao irmão Alonso e as necessárias vibrações de limpeza psíquica para seu lar.

No terceiro dia, com ausência dos Lopes, utilizando-se do aparelho mediúnico de Hercílio incorporou-se um dos guias espirituais, por sinal o mui querido irmão do espaço, Dr. Moacir, aguardado sempre, por todos, com grande ansiedade pelos magníficos relatos que costuma expôr à assistência para estudo e meditação.

Ouçamo-lo também. Eis:

O caso que tantos corações comove e abala, quasi que envolvendo uma sociedade inteira, convém seja posto nos seus exátos termos para nosso estudo.

As controvérsias são naturais e úteis, os julgamentos porém, exaltados demais; além disso, há os que até acreditam numa possível injustiça de Deus. Aquí estou, outrossim, para responder a interrogação daquela infeliz mãesinha que, não suportando tamanhos sofrimentos tornou-se insâna, perguntando a todos: — «Por quê sofre tanto, doutor, o meu filhinho?»

O atual Alonso, nosso doente, foi no ano 1.476 em Valladolid, na velha Espanha da Idade-Média, o orgulhoso e cruel inquisidor Serrano, preposto do dominicano Torquemada, inquisidor mór.

Pelos sumários e despóticos julgamentos, sem nenhuma defesa, a inquisição massacrou milhares de cristãos rotulados de herejes e réus comuns; a maioria foi queimada viva, no meio de incríveis estertores, nas fogueiras do Santo Oficio, em praça pública, por contrariar vontades dos então poderosos tribunais eclesiásticos. Inúmeros foram terrivelmen-

te supliciados, amarrados e imóveis, tiveram vasados seus olhos com afiados estiletes de ferro em brasa. Centenas tiveram arrancados dentes e unhas com requintes diabólicos nunca vistos nos animais ferozes. Muitos outros tiveram amputados, lentamente, pés e mãos pelos instrumentos bestiais das câmaras de tortura. Outros cristãos viram-se nús, atormentadas as suas carnes e diabòlicamente arrancados os órgãos genitais com a assistência de seus familiares. Ainda centenas de outros tiveram que engulir azeite fervente tendo suas bocas horrivelmente escancaradas por vigorosas tenazes de ferro. Para anestesiar em parte, ou amenizar sofrimentos atrozes e insuportáveis, muitos encarcerados esqueléticos pela fóme e pela sêde eram tomados de violenta loucura ou desmaiavam antes mesmo de serem conduzidos à presença dos juizes.

Nunca a humanidade ouvira tão estridentes e alucinantes gritos de cólera, dôr e medo, ainda hoje ecoam com intensidade pelos séculos afóra e permanecem estampados na téla dos tempos. Está a aura do nosso planêta impregnada dessas vozes de vingança, ódio e lamúrias aguardando a esponja caridosa do amor para apagar essas chagas, até o presente, tidas como indeléveis. Se as frases, soltas no espaço, fossem agora captadas de retorno seriam capazes de ainda abalar os alicerces pétreos daquelas pestilentas e tétricas masmorras da Inquisição.

Assim funcionava, em nome de Deus, o Santo Oficio na Idade-Média que, ainda faz sofrer milhares de pessoas que, graças ao bom Deus, ignoram o seu passado, sofrem sem saber o porquê.

Do plano espiritual vemos pontos de referência, repugnantes, ensopados de sangue, ódio, lágrimas, como tumores cancerosos aferrados. Em muitos países européus existem dessas manchas que só desaparecerão quando estiver resgatado o último til, e continuam sendo localidades pestilentas, de atmosféra repulsiva e de vibrações fluídicas as mais pesadas e grosseiras.

Assim, ia o bondoso instrutor do espaço, Dr. Moacir, fazendo com que cada um dos presentes vivesse aquela tenebrosa época passada, quando, inesperadamente o doutrinador da sessão interrompeu a comunicação, o que aliás, digamos de passagem, foi providencial para nós, pois, saímos do terrível quadro configurado; — todos suspiramos de alívio, ao mesmo tempo.

E, como se portou Alonso? Perguntou o dirigente da sessão.

Não desejava, respondeu o Dr. Moacir, particularizar a conduta dêste nosso irmão, pois todos nós somos grandes pecadores, maiores quem sabe que o próprio Alonso, no entanto, vejamos porque sofre êle de ascite; estudemos seu drama.

Alonso padece de barriga dágua, pois durante a inquisição, com requintes homicidas, aplicava aos herejes tremendas lavagens estomacais usando para tal fim dum fétido bucho de boi, mal curtido, fazendo dêle, as vezes, funil de exageradas dimensões. Amarrado e imobilizado era o infeliz herético, violentado a engolir toda a água contida naquêle nauseabundo recepiente até que o estomago e os intestinos do condenado estourassem por não suportar a pressão exagerada do líquido. Muitos foram, dessa maneira, assassinados.

A ciência médica, ameniza-lhe as dôres, retirando, ainda hoje, de seu ventre, aquela mesma água que outros tiveram de ingerir até a agonia da morte.

Os seus familiares, pais e oito irmãos, que hoje o cercam com carinho e exagerado amor, foram, em 1.476, seus ajudantes e carrascos, executores das torturas, apedrejadores e açoitadores, por isso sofrem também horrivelmente. Estão, novamente, reunidos em família, como, aliás, já o estiveram em muitas outras encarnações para resgate e purificação mútua daqueles hediondos crimes.

Ninguém viola impunemente a lei de Amor estabelecida por Deus! Nós acrescentaremos: Quem com ferro fére...

Consuelo, a nossa boa Consuelo, foi sempre a única que suplicava a cessação desses martírios. Como nas demais vidas dessa família, tanto na Espanha como em Portugal e no Brasil, Consuelo foi sempre o anjo de guarda, o guia encarnado dos Lopes.

Tudo indica que, com mais algumas encarnações de penosos resgates, a família e o nosso bom Alonso, terão descontados os seus débitos. Que Jesus os ilumine! Adeus! Assim terminou, o Dr. Moacir, a sua mensagem.

Crônica Estrangeira

O encontro do Testamento

«Spiritualisme Moderne»

Em Revista alemã, Hanover, o Dr. Rudolf Schwartz relata o caso da descoberta de um testamento.

A magnetizadora e curadora Lalle L., da Baviera, me relatou o seguinte fato:

«Após a morte de minha mãe, o testamento não foi encontrado, e a herança não podia ser dividida equitativamente entre os irmãos e irmãs. Seguiram-se contestações entre os herdeiros. Suspeitaram que Mme. L... houvesse achado o testamento, mas o tivesse escondido. O motivo dessas acusações era que Mme. L..., moradora na casa da falecida mãe, deveria, premida pelos herdeiros, desocupar, eventualmente vender a casa, para reverter parte do produto da venda à sucessão. A perda do testamento impedia esta realização. Esta desconfiança injustificada afligia a Mme. L... e seu marido, o que para êle se tornou um fardo insuportável, pois as discórdias entre os herdeiros se agravavam.

Certo dia de estio, ao meio dia, o casal estava na sala fechada, em companhia do pai. Subitamente, o Snr. L... e sua mulher viram uma forma passar pela porta e parar a sua frente e nela reconheceram a falecida mãe. Com um sorriso um tanto irônico, ela fez a ambos esta pergunta: «Ainda estão procurando o testamento? Vocês o encontrarão no grande guarda-roupa entre as novas toalhas de mesa». E ela desapareceu. O sogro de Mme. L..., ali presente, nada viu porque estava com as costas voltadas para a porta de entrada. O casal assustou-se com a aparição; entreolharam-se muito surprêsos e imediatamente se levantaram para se dirigirem a toda pressa ao primeiro andar e mais uma vez examinar o conteúdo do armário. Grande foi o espanto de ambos, pois entre as toalhas novas acharam efetivamente o testamento. Grande foi a felicidade do casal, porque puderam finalmente por fim às discussões e equitativamente repartir os bens deixados pela mãe.

⁂

A vítima vem denunciar seus assassinos

«Spiritualisme Moderne»

Mavrogheni Pachá era o médico do sultão Abdul Hamid.

Durante um banquete oficial no Hotel Tokatlian, em Istambul, discutindo a imortalidade da alma, êle relatou o seguinte fenômeno que difinitivamente o convenceu da sobrevivência.

Durante uma viagem nas províncias de Anatolia, na qual êle acompanhava o irmão do sultão, Deli Fuat Pachá, foram êles constrangidos a pernoitar numa estalagem.

O andar térreo se compunha de grande sala que servia de restaurante, de café e também de estrebaria.

No andar superior havia dois quartos: um foi dado a M. Pachá, o outro a Deli Fuat.

Deitado em sua cama, Mavrogheni sentiu alguém tocar em seu braço e, abrindo os olhos, viu um moço a sua frente. Mavrogheni não podia explicar-se como êle havia entrado, com a porta e janela fechadas. O jovem lhe disse: «Pachá, os estalajadeiros me mataram e esconderam meu corpo debaixo do estrume na estrebaria. Peço-vos fazer enterrar meu corpo em lugar apropriado».

O jovem desapareceu. Mavrogheni impressionou-se fortemente, mas êle atribuiu isso a um pesadêlo devido a fadiga, pois viajara a cavalo o dia todo. Êle voltou-se e tentou dormir.

Alguns minutos depois, se repetiu o mesmo fenômeno, o que o abalou profundamente; mas não quís acordar Deli Fuat, temendo que êste não lhe daria crédito e se divertiria com seus temores.

Mais uma vez procurou dormir mas sentiu pesada mão empurrá-lo e, voltando-se, tornou a ver o homem que lhe disse: «Fazei o que vos digo, porque moralmente sereis responsável por outras mortes se os estalajadeiros ficarem impunes».

Depois desta terceira aparição, Mavrogheni foi acordar Fuat e lhe relatou o que sucedera. Êles chamaram os sol-

dados de sua guarda e lhes ordenaram a escavação da estrebaria.

Encontraram o corpo de um jovem, de idade de vinte e cinco anos, aproximadamente, exatamente parecido à aparição vista por Mavrogheni.

Os estalajadeiros foram imediatamente presos e entregues à justiça.

⁂

Falava com dois mêses de idade

De «Estudos Psíquicos»

A revista *Constância* transcreve, no seu último número, uma notícia da imprensa brasileira, a que os nossos diários fizeram referência: um bebé que falava corretamente, apenas com dois mêses e poucos dias.

Na verdade o caso é de pasmar; mas, se nos lembrarmos de que estamos nas vésperas dum novo ciclo, que deve despontar com uma autêntica transformação em tudo que atualmente constitui o nosso modo de vida, devemos aceitar êsse fato como sintôma de tantas outras coisas que têm sido anunciadas.

Nestes 45 anos que vão decorrer, quantas e quantas surprêsas não surgirão?

Uma nova raça, a que chamam a Sexta Raça, já está a despontar na América e dará início à futura Humanidade que será possuidora de faculdades — como o sexto sentido — até hoje conhecidas apenas em sêres extraordinários.

O que agora nos surpreende, acharemos normal então, pois cremos provável vir a fazer parte dessa nova humanidade, nas nossas próximas reencarnações.

Estaremos em êrro?...

⁂

Filho que dá prova da sua sobrevivência

«The Progressive Thinker»

Lord Molesworth perdeu seu filho na Grande Guerra. Êle não acreditava no Espiritismo. Certo dia, êle percorre o seu jardim, com sua mulher e uma fôrça irresistivel o constrange a dizer:

«Voltemos a nossa casa, o nosso filho está lá e quer falar-nos. O casal pousa as mãos sôbre uma mesa que violentamente se agita e logo soletra uma mensagem «em termos tão pessoais, tão particulares, declarou Lord Molesworth, que a telepatia de todo o mundo ou outra influência devem ser absolutamente postas fóra de discussão». Depois dêsse dia, os pais consolados se entreteem com seu caro defunto.

⁂

Cumprindo uma promessa

«Revue Spirite»

Camaradas de universidade, Lord Brougham e G..., convencionam, certa noite, que aquêle dos dois que viesse a morrer em primeiro lugar, apareceria ao outro para lhe provar a sobrevivência. Pouco depois, G... parte para as Índias. Lord Brougham fica, por muito tempo, sem notícias do amigo. Mas, certa manhã, estando no seu banho, êle volta o rosto para a cadeira onde havia posto suas vestes. Aí êle vê seu amigo G... sentado a fixá-lo. Bastante emocionado êle sái do banho, ao mesmo tempo que a aparição se derrete. E êle veio a saber, algumas semanas depois, que seu amigo morrera, nas Índias, no mesmo dia em que lhe apareceu, na sala de banho.

⁂

O médium que curou Jorge VI

Desencarnou o médium australiano Lionel Logue, que foi guiado a Inglaterra para curar a gaguez de Jorge VI.

O *Psychic News* informa que a ida do médium para a Grã-Bretanha foi uma coisa que êle próprio não soube explicar, pois não tinha qualquer razão para abandonar o seu país e procurar noutra região uma carreira que lhe garantisse a existência.

Depois de fazer os seus planos viu que não tinha possibilidade de arranjar bilhete de passagem, mesmo durante algumas semanas. Mas, dias depois, apareceu uma desistência e Logue conseguiu o seu objetivo. Assim, mais ainda

se lhe radicou a idéia de que fôrças espirituais o levavam para tratar o falecido rei, pai da Raínha Isabel II.

Eis o que êle disse ao famoso jornalista Hannen Swaffer:

«Sem saber porquê, vendi a nossa casa e fizemos a viagem, sem qualquer perspectiva. Parecia loucura, mas agora acredito que me guiaram a Londres para que pudesse curar o defeito da fala do homem destinado a ser rei».

Quando, em 1945, Logue perdeu a esposa, foi Hannen Swaffer que o confortou, conseguindo-lhe uma sessão nos seus aposentos, com o médium Lilian Bailey, muito conhecido em Inglaterra.

Êste não conhecia a identidade do assistente; mas antes da sessão começar, olhou para êle e disse:

—Não sei porquê é, mas Jorge V está aqui a pedir-me que lhe agradeça o que fez pelo filho dêle.

Isto causou profunda impressão no australiano. Nada mais ocorreu nessa sessão, mas pouco depois a esposa de Logue manifestou-se através do mesmo médium e deu-lhe grandes provas de identidade, falando-lhe em certas mudanças que êle tinha feito em casa, sobretudo no jardim, inteiramente desconhecidas dos presentes.

Lionel Logue, que teve durante muito tempo relações familiares com Jorge VI, permanecia sempre próximo dêle, quando êste falava em público ou através da rádio. Além disso, nas suas numerosas conversas com a família real, nunca ocultou a sua condição de espírita e as provas que tinha da sobrevivência da esposa. E quando adoeceu em Fevereiro último, a família real exprimiu-lhe amavelmente os seus desejos de melhoras.

Note-se que Lionel Logue era dotado de faculdades especiais que aplicava com êxito em tratamentos de ortofonia e por isso foi induzido psíquicamente a abandonar a terra natal, a fim de curar o primeiro cidadão da Grã-Bretanha. E' o próprio *Psychic News* que dá o esclarecimento e nós aceitamo-lo sem esfôrço algum, porque é absolutamente lógico.

*

Quem perturbava a casa do Reitor?

«Revue Spirite»

«Durante algum tempo, a vida não era agradável no presbitério de Ardtrea em Cook-town (Irlanda). O *Dublin Evening Mail* narrou as vicissitudes do infeliz Reitor, aliás reproduções de acontecimentos inteiramente iguais aos que, na mesma casa, se têm produzido há cem anos. O presbitério é um prédio de três andares, precedido de um e terreno isolado. Ora, produziram-se, diversas noites seguidas, arremêços de tijolos, ardósias, cacos de garrafas e mais objetos os mais disparatados, que do teto iam ter ao quintal. A princípio acreditaram nalgum divertimento de garotos jocosos, mas o bombardeio não chegando ao termo, viram-se obrigados a chamar a polícia local, que acorreu, armada até os dentes, para fazer cessar o escândalo. Mas a cousa se voltou contra ela. Recebida por novos projetis, ela atirou contra o teto com as carabinas; inspecionou o imóvel debaixo acima e sem nada descobrir que pudesse informá-la sôbre as verdadeiras causas do acontecimento.

A população estava convencida que lá havia um belo e autêntico caso de «poltergeist» (espírito turbulento), e não se percebe como possa ser seriamente contestada a explicação, se julgarmos pelo dispositivo dos locais e a impossibilidade material em que se encontrariam mistificadores para continuar durante tão longo tempo, um jogo tão perigoso, sem serem descobertos.

TRANSFERÊNCIA DE ASSINATURAS

Pedimos aos nossos assinantes que desejarem transferir suas assinaturas para novo endereço, o obsequio de nos mandar com toda clareza o seguinte:

1) nome por extenso; 2) o antigo endereço; 3) o novo endereço, para onde a Revista deve ser enviada.

ESPIRITISMO NO BRASIL

Campanha Pró-Máquina de «O Clarim»

Donativos ofertados até a presente data: Cr. $ 61.092,00.

Deixamos de publicar a relação nominal dos contribuintes para esta tão oportuna e útil campanha, porque já o estamos fazendo em «O Clarim».

Agradecemos a todos o valioso concurso nesta tarefa comum de trabalhar pela difusão da Doutrina, almejando-lhes paz e saude.

A Serviço da Propaganda

O nosso representante-viajante, sr. Dante Ferrioli, vai percorrer a zona Sul do Paraná, compreendendo as seguintes cidades:

Santo Antonio da Platina, Abatiá, Joaquim Tavora, Quatiguá, Siqueira Campos, Wenceslau Braz, Ponta Grossa, Reserva, Herval de Baixo, José Lacerda, Palmeira, Antonio Rebouças, João Eugenio, Curitíba, Morretes, Antonina, Paranaguá, Piraquara, São Mateus do Sul, Porto União, Iratí, Lapa e Campo Largo.

Visitará também as seguintes eidades da zona Sul de S. Paulo:

Tatuí, Capão Bonito, Guapiara, Itapeva, Itaberá, Itararé, Ribeira, Itaóca, Apiaí.

Solicitamos aos nossos prezados assinantes nessas zonas, dispensarem boa acolhida a este abnegado trabalhador da seára espírita, o que antecidamente agradecemos.

Conselho Federativo Nacional

Órgão da Federação Espírita Brasileira

Súmula da Ata da Reunião ordinária realizada em 5 de Novembro de 1955.

Á hora regimental, faz o Presidente a prece inicial e declara abertos os trabalhos da reunião. É lida e aprovada a Ata da reunião anterior. Constam do expediente: telegrama do Presidente da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, Francisco Spinelli, enviando saudações ao Conselho, pela data do Pacto Aureo; telegrama da mesma Federação confirmando poderes de representação no Conselho ao Conselheiro Francisco Thiesen; comunicação da eleição do Coronel Hélio de Castro para o cargo de Presidente da Federação Gaúcha, por motivo da desencarnação do saudoso presidente Francisco Spinelli; carta do Departamento da Juventude da Federação Espírita Brasileira, convidando o Conselho para as solenidades que, em comemoração do 6.º aniversário da Unificação das Mocidades e Juventudes Espíritas, realizará nos dias 10, 13 e 20 do corrente. Jornais: «O Espírita Mineiro» e «Pernambuco Espírita». O Presidente do Conselho comenta emocionado a perda de um trabalhador e sincero amigo da Federação, o inesquecível Francisco Spinelli, traçando-lhe o perfil de espírita sincero. O Conselho manda consignar um voto de gratidão e uma vibração de saudade ao querido Spinelli.

Santa Catarina — O representante comunica haver recebido alguns exemplares do Regulamento das Escolas Infantís da Federação Catarinense, distribuindo-os aos Conselheiros.

São Paulo — O Conselheiro Carlos Jordão apresenta sugestões da USE, no sentido de ser ligeiramente alterada a redação do item 10 do «Pacto» e 21 de «Preceitos Gerais», resolvendo o plenário a conservação do antigo artigo 21 e tornar livre a contribuição das federadas para o orçamento do Conselho, bem assim o valor dessa contribuição.

Distrito Federal — O Conselheiro Aurino Souto comunica a fundação de uma organização espírita — o SERVIÇO ESPÍRITA DE INFORMAÇÕES — SEI — com a finalidade de distribuir notícias referentes ao Espiritualismo e ao Esperanto.

Amazonas — O Conselheiro Luiz Montorfano fala longamente sôbre o Hospital Espírita do Amazonas.

Rio de Janeiro — O Conselheiro Major Luiz Gentil discorre sobre as atividades da Federação Fluminense e anuncia, para Janeiro do ano próximo, o lançamento de «O Espírita Fluminense», órgão daquela Federação.

Ceará — O Conselheiro Henrique Magalhães leu o relatório enviado pela União Espírita Cearense, historiando os trabalhos realizados pela III Confraternização das Mocidades Espíritas do Nordeste.

Paraíba — Comunica o representante, Conselheiro Indalício Mendes, o lançamento, a 2 de Outubro último, da pedra fundamental do Hospital Espírita Allan Kardec, em João Pessoa, e dá notícias do movimento da Federação Paraibana.

Minas Gerais — Recebeu o Conselho convite para a comemoração do 1.º aniversário do Ginásio «O Precursor», de Belo Horizonte, sendo designado para representar o Conselho e a FEB o Conselheiro Miranda Ludolf. O Presidente comenta vários assuntos referentes à Doutrina e, findos os trabalhos, encerra a reunião, depois da prece final proferida pelo representante do Ceará.

IX Concentração de Mocidades Espíritas do Brasil Central e Estado de São Paulo

Realizou-se em Uberaba, Minas, em 30 de Outubro último, a Primeira Reunião preparatória do Conselho Diretor da IX Concentração.

Estudadas as medidas consideradas de imediata execução, ficaram solucionados os seguintes assuntos:

a) Escolha do temário das téses a serem apresentadas na IX Concentração, assim constituido:

1) «O moço espírita ante a sociedade: Unificação, exemplos, educação e Assistência Social».

2) «Como interpretar a liberdade feminina em face da doutrina espírita».

3) «A influência da disciplina na evolução do jovem espírita».

b) Designação da Comissão Julgadora de Téses, que ficou da seguinte forma constituida:

1.º tema — Dr.ª Maria Emilia Barbone (Ribeirão Preto), Dr. Thomaz Novelino (Franca) e Dr. Jayme Monteiro de Barros (Ribeirão Preto).

2.º tema — Prof.ª Corina Novelino (Sacramento), Prof.ª Isabel Bueno (Uberlândia) e Dr. Odilon Fernandes (Uberaba).

3.º tema — Sr. José Martins Peralva, Dr. Rubens da Costa Romanelli e Sr. Virgilio de Almeida, todos de Belo Horizonte.

c) Designação da Comissão encarregada de elaborar o Regulamento e julgar o concurso de Teatro e Música, composta dos seguintes confrades: Dr. Agnelo Morato, de Franca; Prof. Clever Novais, de Uberaba e Prof.ª Corina Novelino, de Sacramento.

Ao ensejo desta cientificamos os moços espíritas sôbre o seguinte tópico do Regulamento das Concentrações:

«As téses devem conter, no mínimo, 2 folhas de papel almasso escritas à máquina, em dois espaços, e no máximo quatro folhas». — (Art. 10.º, § 1.º, alínea b).

O prazo estipulado para a remessa de téses expira a 15 de Fevereiro de 1956.

As téses deverão ser enviadas à Secretaria do C. D. — Caixa Postal 92 — Uberaba.

Necrologia

Jácomo Pasetto

Desincarnou em Araraquara, no dia 7 de Novembro p. findo, o irmão Jácomo Pasetto, pai dos nossos confrades Caetano, Rosa, Angelo, José, Carmela, Luiz, Emilio, Olivia, Americo, Leonor, Francisco, Olga e Lucia Pasetto, todos casados. Era viuvo de D. Olivia Biava Pasetto, com a qual contraiu nupcias em Araraquara em 27 de Setembro de 1898.

Jácomo Pasetto foi um verdadeiro cumpridor dos preceitos cristãos, pois se preocupava sòmente em fazer o bem. Muito trabalhador e ativo, fundou as Indústrias Pasetto, enriquecendo sobremaneira o parque industrial de Araraquara.

Deixa, ainda, netos e bisnetos.

O sepultamento do seu corpo material realizou-se no dia seguinte com grande acompanhamento, saindo o féretro da residência do Dr. Francisco Logatti, à rua Voluntários da Pátria, 1.183, para a Necrópole de São Bento.

— Ao espirito recem-liberto, paz e luz.

Um Verdadeiro Tesouro

O confrade deseja conhecer a vida de um dos mais destacados Apóstolos do Cristianismo ou do Espiritismo? Então leia «UMA GRANDE VIDA».

Trata-se de uma obra em que o seu autor, Prof. Leopoldo Machado, um dos mais esforçados trabalhadores da seára espíta, narra a vida de Cairbar Schutel desde a sua infância até os seus últimos momentos de vida terrena. Lendo-a, vereis os traços característicos de um verdadeiro cristão: fé, renúncia, perseverança, amor fraterno e estoicismo nas lutas. Lendo-a, repetimos, encontrareis fôrça, estímulo e coragem para enfrentar e vencer as lutas, conquistando tambem um lugar de destaque na vanguarda do véro cristianismo, o que significa a obtenção da verdadeira felicidade, tesouro das nossas principais cogitações.

Leia pois, «UMA GRANDE VIDA».

— A' venda na Livraria «O CLARIM». Preço: cr.$ 30,00 e mais um cruzeiro para o porte e registro, ou sob Reembolso Postal.

OBRAS RECOMENDÁVEIS

Assuntos Evangélicos

Parábolas e Ensinos de Jesus
Vida e Atos dos Apóstolos
O Espírito do Cristianismo
Cristianismo e Espiritismo
Na Seára do Mestre
Em torno do Mestre
Nas pegadas do Mestre
O Espiritismo à Luz do Evangelho

Obras básicas do Espiritismo

Evangelho Segundo o Espiritismo
Livro dos Espíritos
Livro dos Médiuns
O Céu e o Inferno
Obras Póstumas
A Genesis
Instrução Prática sôbre as Manifestações Espíritas
Doutrina Espírita
O que é o Espiritismo

Vários assuntos:

A Alma é Imortal
Animismo ou Espiritismo?
O Destino Humano
Comentários à Historia das Religiões
Um caso de Desmaterialização
Materia ou Espírito?
Ciência Metapsíquica
Espiritismo e Loucura
A reencarnação e suas provas
O Esp. e os Problemas Humanos
As Noúres
A crise da Morte
Fenômenos de «Transporte»
Tem Razão?
Novos Rumos à Medicina-1.º e 2.º vs.
Cientismo e Espiritismo
O Espiritismo perante a ciência
Reencarnação
Sessões Práticas e Doutrinárias do Espiritismo
No Invisível

Romances:

A Granja do silêncio
Estela
O Sinal da Vitória
Almas Crucificadas
Casa Assombrada (A)
O Solar Fatídico
A Lenda do Montinhoso
Do Calvário ao Infinito
Marieta
Marta
Memórias do Padre Germano
Na Sombra e na Luz
Vítimas do Preconceito
Vingança do Judeu (A)
Eleonora
Cruzada Redentora
Mireta
Herculanum
Almas que Voltam
O céu em nossas almas
Lidia
Abadia dos Beneditinos
Chanceler de Ferro
Dôr Suprema
Redenção
Reis, Príncipes e Imperadores
Mansão Renoir

Infantís:

Catecismo Espírita
Os milagres de Jesus
Historietas do Irmão Monteiro
João Vermelho no Mundo dos Espíritos
Contos Infantís Espíritas
Alvorada Cristã
Caminho Oculto (O)
Didaquê Espírita
Filhos do Grande Rei (Os)
História de Maricota
Jardim da Infância
O Meu Diário
O Espiritismo na Infancia
O Evangelho das Crianças

Todas estas Obras acham-se à venda na Livraria «O CLARIM»—Caixa Postal, 11 - Matão - E. S. Paulo.—Usamos o Serviço Postal de Reembolso.

Revista Internacional do Espiritismo

REVISTA MENSAL DE ESTUDOS ANÍMICOS E ESPÍRITAS

Diretor: José da Costa Filho — *Redator: A. Watson Campêlo*

Redação e Administração
MATÃO - E. DE S. PAULO - BRASIL

A *Revista Internacional do Espiritismo* está em comunicação com as principais revistas européas, em vista do que, além dos artigos de fundo dos seus colaboradores, publica os relatos dos jornaes de além mar, dá conta das conferências, dos congressos, e na sua Crônica Estrangeira e E'cos e Notícias, deixa os leitores ao par de todos os factos e novidades Anímicos e Espíritas ocorridos no mundo inteiro. A Revista aparece regularmente a 15 de cada mês, com 24 a 40 páginas de acordo com a matéria de urgência, utilidade e atualidade.

PREÇOS DE ASSINATURAS

— BRASIL	— Ano	— Assinatura simples	Cr.$	60,00
	Semestre	— ,, ,,		30,00
— BRASIL	— Ano	— Assinatura registrada		70,00
	Semestre	— ,, ,,		35,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura simples		65,00
ESTRANGEIRO	— Ano	— Assinatura registrada		75,00

NUMERO AVULSO CR. $5,50

As Assinaturas começam em Fevereiro e Agosto e são pagas adiantadamente

A' venda na Livraria da Federação Espirita Brasileira

RUA FIGUEIRA DE MELO, 410 :—: **Rio de Janeiro**